

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

GUILHERME DUTRA ANTUNES

**O ENSINO DO FUTEBOL EM ESCOLINHAS: DIFERENÇAS
TEÓRICO-METODOLÓGICAS QUANTO AO TRATO DO
CONHECIMENTO ENTRE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA E
EX-ATLETAS**

**Florianópolis
2011.2**

GUILHERME DUTRA ANTUNES

**O ENSINO DO FUTEBOL EM ESCOLINHAS: DIFERENÇAS
TEÓRICO-METODOLÓGICAS QUANTO AO TRATO DO
CONHECIMENTO ENTRE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA E
EX-ATLETAS**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito à obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Ms. Paulo Ricardo do Canto Capela
Co-orientador: Lucas Barreto Klein

**Florianópolis
2011.2**

GUILHERME DUTRA ANTUNES

**O ENSINO DO FUTEBOL EM ESCOLINHAS: DIFERENÇAS
TEÓRICO-METODOLÓGICAS QUANTO AO TRATO DO
CONHECIMENTO ENTRE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA E
EX-ATLETAS**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Educação física.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Ms. Paulo Ricardo do Canto Capela

Co-orientador: Prof. Lucas Barreto Klein

Membro: Prof. Dr. Jaison José Bassani

Membro: Prof^a. Ms. Cristiane Ker de Melo

Suplente: Prof. Ms. Julio César Couto de Souza

**Florianópolis
2011.2**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a todos os meus familiares (pai, mãe e irmã), que me proporcionaram maravilhosas experiências de vida, por deixarem de lado todo um conforto maior para investirem nos meus estudos e da minha irmã, aceitaram da maneira que sou e que sempre me apoiaram em minhas decisões. Muito obrigado por tudo que fizeram e vão fazer por mim. *Amo muito vocês*. Não posso esquecer também dos meus avós (Aldo e Tereza, Francisco e Antonia) pelo exemplo de pessoas que são para mim, talvez se eu chegar a ser 10% da pessoa que eles são, já serei um grande homem, muito obrigado a vocês. E aos meus tios (as) e primos (as) que acompanharam essa minha batalha, obrigado também.

Agradecer também a um anjo que apareceu na minha vida desde antes de eu entrar na universidade, se mostrando uma pessoa maravilhosa, talvez a melhor que já conheci, sendo minha companheira nos mais diversos momentos, sejam eles felizes, como quanto passei no vestibular, no apoio que me deu nas minhas viagens a trabalho etc. E nos difíceis também, como na perda da minha querida avó. Obrigado por ser tão compreensível comigo, por querer sempre está junto de mim, por me amar tanto. Mari, esse momento é seu também. **TE AMO MUITO E PARA SEMPRE.**

A galera do GECUPOM/FUTEBOL, grupo de estudos do qual participo, onde tive momentos incríveis de aprendizado, de socialização, amizade e festas (hahahahahahaha). Valeu mesmo rapaziada, em especial ao meu orientador e grande amigo, professor Paulo Capela, por sua lealdade a causa, sinceridade, por ser um “paizão” na universidade. Ao Júlio que conheci no grupo, grande amigo também, e aos heróis que ficaram até o final, Lucas e Fernando (imundiça). É isso aí parceiros. Tem alguns professores do curso que marcam pelo seu modo de ser e por se dedicarem tanto ao estudo e preocupação com os acadêmicos, então quero agradecer aos professores Jaison Bassani, Edgard Matiello, Cristiane Ker, Carlos Cardoso, Giovani Pires e Maurício Silva.

Aos meu colegas de trabalho na escolinha de futsal do EIC (Educandário Imaculada Conceição) e dos projetos Floripa EUA e Floripa na Europa, em especial ao professor Luiz Carlos Vieira, por me mostrar a realidade da nossa profissão, por todas as oportunidades que me deu, além de apostar em mim desde a segunda

fase. Conheço hoje diversos países do mundo e pessoas maravilhosas desses vários lugares, o meu muito obrigado. Ao professor Hélio Estevão Marciano, com quem aprendi muito também e não posso esquecer do professor Alexander Raupp, sendo ele o primeiro com quem trabalhei na escolinha virando um grande amigo. Além dos outros professores do projeto com o qual temos uma ótima relação profissional e amigável, professores André Gil, Evandro Kuhn, Jolmerson de Carvalho, Lucas Marin, Martinho Paz, Tomás Matos e Rodrigo Luciano. Não posso esquecer de todos os meus alunos da escolinha e também do projeto, vocês são demais pessoal, vivo aprendendo com vocês. *Muito obrigado!*

E, finalmente, os meus eternos amigos da turma 2007/2, que foi uma turma que vai ficar marcada por muito tempo no CDS. Obrigado pela convivência, pelas festas, pelos bares, pela amizade, pelas brigas, por todos os momentos que juntos passamos. Não teria a menor graça sem vocês. Em especial ao meu irmão Tiago Soares Gaspar, onde somos colegas de turma e de trabalho, valeu meu jovem. Vocês vão deixar saudade.

“A possibilidade de realizarmos um sonho é o que torna a vida interessante”.
(Paulo Freire)

RESUMO

O ENSINO DO FUTEBOL EM ESCOLINHAS: DIFERENÇAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS QUANTO AO TRATO DO CONHECIMENTO ENTRE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA E EX-ATLETAS.

Desde seu surgimento, até os dias de hoje, o futebol vem evoluindo e tornando-se uma das modalidades mais praticadas por crianças, jovens e adultos em nosso país. Com base neste fenômeno de grande magnitude no cenário nacional, surgiram as categorias de base e escolinhas de aprendizagem do esporte. Desta forma, essa pesquisa visou primeiramente apresentar um olhar ou, uma perspectiva histórica da modalidade em questão para compreender como o futebol foi se transformando ao longo dos anos. Em seguida procuramos caracterizar toda a metodologia utilizada para responder a seguinte pergunta síntese: *Há diferenças na forma de ensinar o futebol nas escolinhas?* Para isso, realizamos entrevistas com base nos seguintes eixos: 1. *Caracterização dos fatos e experiências significativas que forjaram sua concepção de ensino sobre o futebol;* 2. *Descrição da metodologia de ensino;* 3. *Elencar e descrever como são elaborados os dilemas educacionais e temas do ensino do futebol em seu trato pedagógico.* Num terceiro momento, discutimos os dados levantados a partir das entrevistas, o que nos possibilitou fazer uma análise e uma reflexão a respeito da problemática na qual propusemos pesquisar.

Palavras Chave: Escolinhas de futebol, ensino, trato pedagógico.

ABSTRACT

TEACHING IN SOCCER SCHOOL: THEORETICAL AND METHODOLOGICAL DIFFERENCES ON THE TRACT OF KNOWLEDGE AMONG TEACHERS OF PHYSICAL EDUCATION AND FORMER ATHLETES.

Since its inception until the present day, football is evolving and becoming one of the most widely practiced by children, youth and adults in our country. Based on this phenomenon of great magnitude on the national scene, there were the base category and football schools of learning the sport. Thus, this research aimed to provide a first look, or a historical perspective of the sport in question to understand how football was transformed over the years. Then try to characterize all methodology used to answer the question summary: There are differences in the way of teaching academies in footaball? For this, we conducted interviews based on the following areas: 1. Characterization of the significant events and experiences that shaped his concept of teaching about football; 2. Description of methodology; 3. To list and describe the dilemmas are designed as educational and educational themes of football in his dealings teaching. In the third step, we discuss the data collected from interviews, which enabled us to do an analysis and a discussion about the search problem in which we proposed.

Keywords: soccer school, teaching, teaching tract

SUMÁRIO

1 – APRESENTAÇÃO	pg.11
1.1 INTRODUÇÃO.....	pg.11
2 – OBJETIVOS	pg.17
2.1 OBJETIVO GERAL.....	pg.17
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	pg.17
3 – ABORDAGEM METODOLÓGICA	pg.18
3.1 COLETA DE DADOS.....	pg.19
3.2 INSTRUMENTOS/APARELHOS.....	pg.19
3.3 ANÁLISE/INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	pg.20
4 –ABORDAGEM TEÓRICA	pg.22
4.1 A TRANSFORMAÇÃO DO FUTEBOL BRASILEIRO REPERCUTINDO NAS ESCOLINHAS DE FUTEBOL.....	pg.24
4.2 AS CATEGORIAS DE BASE.....	pg.25
4.2.1 O ATLETA/ALUNO INTELIGENTE.....	pg.25
4.3 A CIÊNCIA E A TÉCNICA.....	pg.27
4.4 COMO PENSAMOS AS CATEGORIAS DE BASE E ESCOLINHAS.....	pg.28
4.5 O SER CRIANÇA.....	pg.30

4.6 O TRATO PEDAGÓGICO.....	pg.32
5 – ANÁLISE DOS DADOS.....	pg.35
6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	pg.49
7 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	pg.55
APÊNDICES.....	pg.60
APÊNDICE A.....	pg.61
ANEXOS.....	pg.62
ANEXO A.....	pg.63

1. APRESENTAÇÃO

1.1 Introdução

Para iniciarmos este estudo, primeiro devemos refletir um pouco sobre a verdadeira função dos jogos desportivos coletivos. Segundo alguns autores, como Bayer (1994), o que caracteriza os esportes coletivos são a presença de uma bola, companheiros para jogar, adversários, um objetivo, local para a prática e as regras específicas.

Esta estrutura é respeitada desde os tempos primitivos, quando diversas civilizações faziam o uso da bola nos seus jogos culturais. Porém, apenas dois séculos atrás é que temos conhecimento destes.

Na China antiga se tem notícia de que militares chineses praticavam um jogo com bola, que na verdade era um treinamento de guerra. Após as batalhas, os soldados se reuniam em equipes para chutar as cabeças dos inimigos mortos em combate. Com o passar do tempo, essas cabeças foram sendo substituídas por bolas feitas de couro, revestidas com pêlos ou cabelos. Os soldados eram divididos em duas equipes com oito jogadores cada, onde o objetivo principal era passar a bola por todos os membros sem deixá-la cair no chão, e ao final do “campo”, colocá-la em duas estacas.

Já na Idade Média, há relatos de um jogo (pois o termo esporte surgiu pela desportivização destes jogos culturais após a revolução industrial na Inglaterra e a modernização da sociedade) parecido com o futebol jogado nos dias de hoje. Com nome de Soule, a sua principal característica era o uso excessivo da violência, onde assim como na China antiga também era jogado por militares. O jogo consistia em duas equipes de 27 jogadores onde eram permitidos socos e chutes nos adversários e, segundo relatos da época, eram comuns as mortes durante as partidas.

Aqui no Brasil, desde a sua descoberta no ano de 1500, até meados da Proclamação da República, os únicos exercícios físicos “praticados” até então pelos brasileiros, eram em virtude da caça, pesca, navegação, entre outros. Atividades

essas que objetivavam o trabalho e a manutenção de suas famílias. O “esporte-rei” (como assim é conhecido o Futebol no Brasil) chegou ao país em meados de 1894, trazido pelo brasileiro de origem inglesa, Charles W. Miller, da Inglaterra. Com ele veio também, em sua bagagem, uma bola de futebol e suas regras, fazendo com que se tornasse um missionário do esporte no país, apresentando-o aos brasileiros, descendentes de ingleses da cidade de São Paulo. Na Inglaterra, na primeira década do século XIX, o futebol era considerado um esporte proibido por lá, fazendo com que fosse praticado em segredo nas escolas públicas inglesas. No Brasil teve um sentido totalmente contrário, onde foram justamente nos colégios em que se praticava o jogo. Em escolas, principalmente, as militares, o esporte era considerado obrigatório pelos alunos nas suas aulas. Outro aspecto importante para o seu reconhecimento foi o apoio exercido pela igreja católica, que naquele tempo era uma instituição muito respeitada pela população, não vendo nenhum problema com a prática do futebol, tanto que o padre Manuel Gonzales, fabricou a primeira bola de couro cru, para que seus alunos do Colégio Vicente de Paula, localizado no estado do Rio de Janeiro, pudessem jogar.

O esporte começou a ser difundido essencialmente, pelas camadas sociais superiores da juventude, formando, assim, uma relação de amadorismo, termo esse que começou a ser utilizado por se tratar dos amantes do esporte, no caso o futebol. Assim seus jogos começaram a serem freqüentados pela “boa sociedade”, inclusive pelas suas filhas, onde elas cada vez mais deixavam de lado as visitas em competições de remo, onde se concentravam os atletas musculosos e de boa índole, para assistirem a uma partida de futebol. Porém, ele também atraiu a atenção das classes mais pobres. Durante os jogos de futebol nas escolas, as crianças que passavam pelos campos, ficavam olhando enquanto os alunos jogavam. Assim, aproveitavam para resgatarem as bolas quando elas saiam de campo, e aproveitavam para experimentá-las. Como essas crianças não iam à escola e tinham muito tempo livre para se exercitarem, começando assim a vivenciar o futebol. Foi neste período em que se ouviu falar pela primeira vez das peladas, significando um lugar onde os cabelos caíram, referência essa feita devido aos campos de futebol não tratados dos subúrbios. Assim, estes jovens que não pensavam em estudar e nem trabalhar, passavam horas de seus dias jogando futebol, tendo como conseqüência um grande desenvolvimento de suas técnicas, tornando-os muito habilidosos.

Falando da profissionalização do futebol brasileiro, esta categoria surgiu a partir de quando a popularidade do futebol já atingiu todas as massas sociais. Muitos jogadores, inclusive negros, que com a chegada do futebol ao país foram impedidos de participar do jogo, começaram a despertar interesse dos fãs do esporte. Porém estes jogadores eram desempregados, e assim jogavam futebol constantemente sem ter nada o que perder. Com toda essa imagem crescendo, as grandes fábricas começaram a formar times para a disputa de torneios. Mas nem todos os seus funcionários eram jogadores brilhantes, fazendo com que os proprietários das empresas buscassem esses jogadores diferenciados que não trabalhavam em lugar algum, dando-lhes emprego, mas com o principal objetivo sendo jogar futebol pelo seu time. A partir daí o futebol começou também a ser visto como um negócio, onde os jogadores que se destacavam nos times, eram oferecidos a eles uma quantia para que trocassem de empregos para jogar pelo time da fábrica. Com o desenvolvimento do futebol e seu profissionalismo, clubes começaram a surgir. Esses poderiam ser das classes altas, como por exemplo, o *Fluminense Football Club*, fundado em 1902 por homens, que segundo Coelho Neto (1952), no livro “História do Fluminense”, foram todos educados em escolas da Suíça e Inglaterra. Em contrapartida, surgiram também clubes do “povão” como o *Clube Corinthians de São Paulo*, fundado em 1910 por membros das mais modestas massas trabalhadoras.

Em 1919, foi fundada a Confederação Brasileira de Desportos, entidade essa que foi responsável por cuidar dos interesses do futebol e de todas as outras modalidades olímpicas. Até que em 1979, criou-se a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), que ficando com a responsabilidade de organizar o futebol brasileiro, que até então não era considerado organizado. Ao mesmo tempo de sua criação, começaram a surgir nos diversos estados brasileiros, as federações regionais que estavam ligadas a CBF. Com toda essa estruturação fora das quatro linhas, surgiram campeonatos onde atraem até hoje o interesse dos amantes do futebol.

O surgimento das escolinhas/categorias de base, surgidas pelo final da década de 60 no Brasil, estão ligadas à crise futebolística instalada pela desclassificação da seleção na Copa de 1966 na Inglaterra, quando diversas vezes exaltaram a necessidade de um futebol moderno, aos moldes do futebol

apresentado, principalmente, pela própria Inglaterra, campeã naquela copa, de extrema força física.

Estas categorias viraram centros por excelência na formação de futuros talentos esportivos. Como destacou Florenzano (1998)

o percurso ao longo da qual as insuficiências físicas, os defeitos técnicos e os vícios da conduta de vida ver-se-iam corrigidas e sanadas. Eis o porquê da extraordinária valorização das categorias de base (Florenzano, 1998, p.36/37).

Esta afirmação mostra a todos a grande importância das categorias de base no processo de formação do futuro jogador, onde nela todos os seus “defeitos” e dúvidas serão resolvidos, podendo ser técnicos, físicos, sociais e, principalmente, o mental.

Por se tratar de um esporte praticado por todas as classes sociais do nosso país, muitos jovens têm o sonho de se tornarem jogadores de futebol. Como primeiro passo, todos deveriam passar pelas escolinhas de futebol, para que um dia, quem sabe, realizar o seu maior desejo. São com essas metas que os técnicos e professores de categorias de base e escolinhas de futebol, lidam todos os dias no local em que trabalham. Porém, será que esses profissionais estão preparados para lidarem com o desenvolvimento de seus alunos\atletas?

Com observações realizadas, pude perceber que muitos professores e técnicos de futebol, não possuem curso superior em Educação Física. Alguns atletas consagrados no esporte resolvem investir nas escolinhas para passar um pouco de suas experiências como ex-atletas, aos seus alunos. Porém, será que estão garantindo todos os conteúdos de que os aprendizes e atletas necessitam para se destacarem, não só como praticantes mas, também, como seres humanos?

Existem muitas concepções e metodologias de ensino do futebol, nos quais em sua maioria, preocupam-se apenas com o rendimento físico e técnico, tornando seus alunos uma espécie de robô, onde aqueles que não se adaptam a este sistema devem procurar outro lugar para trabalhar ou, mesmo, praticar.

Então, o que me levou a querer estudar o futebol profundamente foi toda a experiência que tive como atleta amador do esporte. Desde pequeno freqüentei e participei das escolinhas de futebol do Bandeirante Recreativo Futebol

Clube, uma das mais tradicionais e conhecidas instituições amadoras da cidade de Florianópolis SC (localizado no bairro Ribeirão da Ilha). O que pude observar é que muitos estudos estão se dedicando em mostrar a sociedade apenas funções técnicas do esporte, não se preocupando com os aspectos como a metodologia e teorias de ensino do esporte.

Durante a minha graduação, tentei compreender um pouco mais sobre a temática, porém, em muitas situações não obtive sucesso durante as aulas no curso, fazendo com que buscasse auxílio na literatura, junto a professores mais capacitados no tema. Numa dessas buscas, conheci o GECUPOM\FUTEBOL– Grupo de Estudos em Cultura Popular de Movimento\Futebol (que está ligado ao VITRAL LATINO-AMERICANO DE EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE E SAÚDE¹), do qual sou membro atualmente e, através dos estudos e pesquisa realizada foi possível compreender um pouco mais sobre o tema, e assim decidi iniciar esta pesquisa. Assim o que também me levou a querer estudar esta temática dentro do futebol, foi o grande amor que tenho pelo esporte, buscando, procurar entender um pouco mais tudo que está em sua volta. Porém, em um desses estudos, comecei a perceber que o futebol está muito além das quatro linhas do campo. E como praticante e um futuro professor, queria analisar uma metodologia eficiente para ensinar o futebol, principalmente, para crianças e adolescentes.

Foi então que juntamente com o GECUPOM/FUTEBOL, em estudos, entrevistas e observações realizadas até então, percebemos o pouco caso que muitos professores ou “técnicos” (como alguns preferem ser chamados) tem com todo o aspecto cognitivo que o esporte pode trazer aos seus praticantes. Até mesmo os acadêmicos do curso de Educação Física (em geral), não estão preocupados com este tema, voltando seus olhares apenas para o alto-rendimento, não percebendo assim que o mesmo se faz através de uma boa base. Em monografias, teses e dissertações pesquisadas, ficou claro este tipo de pensamento.

Com isso, é nítido que estudos sobre o uso da pedagogia, ou melhor, de fundamentos didático-pedagógicos, precisavam ser realizados para um melhor

¹ O Vitral Latino Americano de Educação Física, Esportes e Saúde, representam o esforço científico e militante para compreender a saúde como fonte de vida e direito inalienável da humanidade. Apoiando-se no acúmulo teórico e vivências práticas que alimentaram visões críticas acerca das relações entre a Educação Física e a Saúde.

entendimento de como são realizadas as aulas e treinamentos, não só do futebol, mas dos esportes coletivos em geral nas categorias de base e escolinhas.

A partir disto, em observações, estudos e conversas, cheguei à seguinte pergunta-síntese:

Há diferença na forma de organizar o conteúdo de ensino (trato pedagógico), entre professores formados em educação física e ex-atletas em escolinhas de futebol?

2.0 Objetivos

2.1. Objetivo Geral

O objetivo geral desta pesquisa é *analisar se há diferença na forma de organizar o conteúdo de ensino (trato pedagógico) entre professores formados em educação física e ex-atletas em escolinhas de futebol.*

2.2. Objetivos Específicos

Os objetivos específicos dessa pesquisa são:

- a)** Como são caracterizados os fatos e experiências significativas que forjaram a concepção de ensino em futebol de cada professor;
- b)** Descrever como é a metodologia de ensino do futebol, no sentido de como apresentam o futebol aos seus alunos;
- c)** Elencar e descrever como são elaborados os dilemas educacionais e temas do ensino do futebol em seu trato pedagógico.

3. Abordagem metodológica.

Este estudo teve um caráter *exploratório*, pois possui características de desenvolver e esclarecer um conjunto de idéias, oferecendo uma visão panorâmica de um tema ou fenômeno que, até então, foi pouco explorado.

Segundo Gonçalves (2007) esse tipo de pesquisa também é denominada de “pesquisa de base”, pois oferece dados elementares que dão suporte para a realização de estudos mais aprofundados do tema.

Gil (1999) mostra que a pesquisa exploratória é realizada sobre um problema ou questão de pesquisa que, geralmente, são assuntos com pouco ou, nenhum estudo anterior a respeito. O objetivo desse tipo de estudo é procurar padrões, idéias ou hipóteses. A idéia não é testar ou confirmar uma determinada hipótese. As técnicas tipicamente utilizadas para a pesquisa exploratória são estudos de caso, observações ou análises históricas e, seus resultados fornecem, geralmente, dados qualitativos ou quantitativos. A pesquisa exploratória avalia problemas ou, se novas teorias e conceitos devem ser desenvolvidos.

Além disso, o presente trabalho teve um caráter *bibliográfico*, pois segundo Tobar e Yalour (2001), é um estudo sistematizado desenvolvido a partir de materiais de fontes primárias ou, secundárias publicados em livros, revistas, artigos e outras fontes escritas, que discutam de forma direta ou indireta o tema e o problema proposto. Este tipo de pesquisa produz um instrumental analítico para qualquer outro tipo de pesquisa, mas também pode se esgotar por si mesma.

Esta também, foi classificada como uma “*pesquisa de campo*”, pois é uma forma de coleta que permite a obtenção de dados sobre um fenômeno de interesse, da maneira como esta ocorre na realidade estudada. Consiste, portanto, segundo Gonçalves (2007) na coleta de dados e no registro de informações relevantes, diretamente da realidade, para anteriores. Por outro lado, Gil (2002) procura o aprofundamento de uma realidade específica.

Não podemos esquecer que foi uma pesquisa de natureza *qualitativa* com ênfase na fenomenologia, isto é, no estudo da essência dos fenômenos, compreendendo-os na perspectiva do mundo vivido investigado.

3.1. Coleta de dados

As coletas de dados foram realizadas com entrevistas semi-estruturadas respondidas pelos professores ou “técnicos” das escolinhas de futebol pesquisados. Assim, foram entrevistados cinco professores que trabalham em escolinhas de futebol e/ou projetos relacionados ao esporte. Sendo que três dos entrevistados são formados em Educação Física (professores A, C e D), e dois são ex-atletas (professor B é um ex-atleta amador, sendo que está a aproximadamente trinta anos trabalhando com escolinhas e, o professor E é um ex-atleta profissional que atuou em times do Brasil, como o Figueirense, Avai, Atlético PR, Tubarão e Pelotas, além de equipes do exterior como o Leipzig da Alemanha, União da Ilha da Madeira e FC Varzim de Portugal).

Com isso, partindo do objetivo geral, as questões levantadas partiram de três eixos definidos nos objetivos específicos:

- Descrição de como o Futebol surgiu na vida desse professor-técnico como atividade e profissão, mostrando aspectos positivos e negativos das suas experiências.
- Como esses sujeitos apresentam o Futebol para as crianças e jovens aprenderem, investigando se fraciona o jogo ou ensina a jogar jogando.
- Descrição de como são organizados os tempos das aulas. Quando aparece também o papel do professor como mediador de conhecimentos relevantes e, formas de lidar com os dilemas que o futebol apresenta as crianças.

3.2. Instrumentos/aparelhos.

Este estudo foi baseado em alguns procedimentos de coleta de dados, sendo eles: entrevistas informais e semi-estruturadas, além de uma pesquisa bibliográfica para buscar um melhor referencial teórico para auxiliar na ida a campo.

Deve-se atentar que estes instrumentos foram aplicados aos professores e/ou técnicos de futebol das escolinhas de futebol pesquisadas.

A partir disto, a entrevista utilizada foi a *semi-estruturada*, pois segundo Lüdke e André (1986), ela permite aos entrevistadores fazerem adaptações necessárias quanto ao roteiro programado. Fazendo com que seja aplicada a partir de um número de perguntas abertas, formuladas segundo o roteiro a ser seguido pelo entrevistador. Nesta é possível abordar toda a essência do conteúdo do problema investigado, levando em conta todas as palavras-chave que englobam a delimitação do problema. Pode durante o decorrer da entrevista, surgirem novas perguntas por parte do pesquisador, desde que essas estejam direta ou indiretamente ligadas à pesquisa.

Vale à pena ressaltar que, a entrevista semi-estruturada foi utilizada neste estudo, por não necessitar manter uma ordem necessária para a realização da mesma e o seu desenvolvimento poder se adaptar ao entrevistado, além de que, se pode manter um grau de flexibilidade na exploração das questões apresentadas.

Este estudo também está baseado numa pesquisa de caráter *bibliográfico* a qual exige, segundo Laville e Dionne (1999), uma coleta de dados a partir de seus próprios conteúdos temáticos, ou seja, a eleição de categorias teóricas, as quais serão construídas a partir do modelo misto de análise.

Esta coleta de caráter bibliográfico tem uma importante função dentro desta pesquisa, pois com ela foi possível a construção de bases teóricas significativas que deverão contribuir na realização dos objetivos teórico-metodológicos, definindo assim todos os tipos de conceitos e teorias até então abordados. Assim com todo este material teórico coletado, foi possível analisar, problematizar e refletir todo o problema em questão.

3.3. Análise/interpretação dos dados

Quanto à análise da coleta de dados, Trivinõs (2001) afirma que devemos levar em conta que um estudo de caráter qualitativo, abarca as seguintes tendências epistemológicas: Fenomenológico-hermenêuticas e críticos-dialéticas.

Tomando como base os dados investigados, foi utilizada nesta pesquisa a tendência fenomenológica-hermenêutica, onde o desafio centrou-se em buscar a descrição concreta dos fatos investigados no mundo vivido, com o auxílio

da reflexão para que todos pudessem através deste projeto compreender melhor a realidade. Lembrando que essa tendência procura compreender melhor as dimensões do fenômeno.

Na medida em que se trata de uma análise em uma pesquisa qualitativa, deve-se atentar que mesmo estando de o pesquisador na fase de coleta de dados, toda a análise já pode estar ocorrendo. Assim, Minayo (1992) chama a atenção para três obstáculos para uma análise eficiente. O primeiro diz respeito à ilusão do pesquisador em ver conclusões, à primeira vista, como transparentes, ou seja, quando se pensa que a realidade dos dados se apresenta rapidamente de forma nítida aos olhos. O segundo, se deve ao fato de o pesquisador se envolver tanto com os métodos e as técnicas a ponto de esquecer os significados presentes em seus dados. Isso poderá acontecer quando os dados coletados que compõe a análise podem não ser devidamente considerados. E, por último, está relacionada a dificuldade que o pesquisador pode ter em articular conclusões que surgem de dados concretos com conhecimentos mais amplos ou abstratos e, como consequência disso, ocorrer um distanciamento entre a fundamentação teórica e a prática de pesquisa.

Então, baseando-se ainda nos conceitos de Minayo (1992), as finalidades dessa fase de análise, foram estabelecer uma compreensão dos dados coletados, confirmando ou não, os pressupostos da pesquisa e\ou responder as questões formuladas, ampliando o conhecimento sobre o assunto pesquisado, articulando-o ao contexto cultural do qual faz parte.

Além disso, houve preocupação nas entrevistas de realizar a gravação de voz dos entrevistados, onde apesar de não serem transcritas na íntegra, foi utilizada como recurso para esclarecimentos de algumas questões levantadas e que não tiveram um bom entendimento nas anotações.

4. Abordagem teórica.

Partindo do problema levantado e após as leituras e pesquisas realizadas, percebemos a carência de estudos que procuram entender como está sendo realizada a prática pedagógica nas categorias de base do futebol. Isso não está ocorrendo apenas com este esporte, mas também com o handebol, o voleibol, basquetebol, entre outros, onde não é observada a preocupação em apresentar a comunidade estudos com verdadeira relevância social.

Todas estas modalidades são classificadas como jogos desportivos coletivos, onde Mesquita (1992) afirma que devido à sua riqueza de situações, constituem um meio formativo por excelência, pois sua prática, quando corretamente orientada por parte dos professores ou técnicos, induz o desenvolvimento de competências em vários planos, e dessa forma também Garganta (1995) cita o desenvolvimento tático-cognitivo, técnico e sócio-afetivo.

O futebol é um fenômeno de grande magnitude no quadro cultural não só brasileiro, mas mundial. Apesar disso, o conhecimento científico relacionado ao esporte ainda é muito escasso e, mesmo os que existem são pouco consistentes. Falando especificamente da organização dos conteúdos do ensino (trato pedagógico), poucos estudos tem se dedicado em tratar, sendo de grande relevância este tipo de pesquisa, pois estamos ou vamos trabalhar com seres humanos em formação.

No livro *Pedagogia do Futebol*, de João Batista Freire (2003), trás aos leitores todo o desafio que o professor de educação física recebe ao ensinar o esporte não só nas escolas, como também nas escolinhas de iniciação. Pois, vivemos em um país onde o futebol é culturalmente jogado por seus amantes, e aí está a questão que faz o professor se diferenciar de todos os outros que estão na área, onde os que orientam esta modalidade deveriam ter como missão trazer toda a cultura que ele está inserido para dentro de suas aulas. Porém, em algumas observações realizadas até então, demonstraram a falta de preocupação por parte de técnicos, professores e alunos em atentar a todo o aspecto cultural que o futebol

pode trazer aos praticantes, pois apenas o rendimento e o resultado é que estão sobressaindo, até mesmo nessas escolinhas de iniciação.

Acredito, a partir das percepções retiradas após a leitura desta obra, que esse tipo de trabalho nas escolinhas das mais diversas modalidades esportivas, se materializa por meio de uma prática pedagógica, preocupada com o desenvolvimento físico e cognitivo, que através da sua práxis, contemple várias possibilidades, como as sociais, intelectuais, motoras, educacionais e, inclusive, a esportiva. O professor neste caso tem uma função primordial para o aprendizado do seu aluno. Ao desenvolver o seu próprio sentido de percepção, deve então fazer com que o seu aluno\atleta tenha a capacidade de também desenvolvê-lo. Pois com isso o movimento deverá ser construído internamente, e com a melhoria da capacidade da atenção, o aluno está se auto-educando, cuidando assim da correção do problema desde onde ele brota.

A partir do que o filósofo Manuel Sérgio, um dos precursores da motricidade humana nos esportes disse, *“quem só entende de futebol, de futebol nada sabe”*, podemos perceber que são muitos os profissionais que estão inseridos no esporte, que estão presos apenas a uma teoria ou apenas a aspectos práticos, deixando de lado, assim, diversos estudos científicos e obras literárias que tratam não só do tema futebol, mas do treinamento esportivo, pedagogia, psicologia humana, história entre outros. Isso nos leva a entender que o futebol não pára apenas no jogo em si,

mas temos que pensar que ele é físico, é tático e é técnico, mas, essencialmente, é o todo que não se resume à soma das partes, é o humano que nunca estará completamente inventado e terá sempre, todos os dias, de ser reflexão. É preciso ser livre para fazer o novo. (Mourinho, 2007, p.120).

4.1 A transformação do futebol brasileiro repercutindo nas escolinhas de futebol.

O futebol vem sofrendo constantes transformações ao longo dos anos, não só dentro de campo (onde percebemos diferenças técnicas, táticas e físicas), como também fora das quatro linhas. Entre várias que poderíamos destacar, “focalizamos” as repercussões no processo de ensino do futebol nas escolinhas na formação de futuros craques. Os exemplos destas transformações ficam por conta do avanço científico na área, das novas “legalidades” do futebol, principalmente, pela transformação dos clubes em empresas, dos grandes negócios que giram em torno do futebol; na compra e venda de atletas; e os pesados investimentos feitos pela mídia na concorrência pela exclusividade dos direitos de transmissão dos campeonatos. Inserido no mundo dos negócios, o futebol está “naturalmente” colocado num contexto capitalista, em que a estrutura deste sistema está amparada na mercadoria, seu produto básico. O futebol transforma-se em mercadoria, um reflexo que se estende também aos próprios jogadores de futebol. Neste contexto (mercadológico), algumas exigências tornam-se fundamentais; uma delas é que seus produtos sigam a ordem colocada, ou seja, correspondam aos investimentos feitos. Para isto, torna-se necessário “preparar” esta mercadoria, direcionando-a a suprir as expectativas nela depositada.

Hoje em dia o futebol é tratado não apenas como esporte e sim como um espetáculo. Espetáculo este que está voltado apenas para os bens de consumo, onde diversas marcas e grifes esportivas, por exemplo, usam deste meio para cada vez mais enriquecerem em detrimento do futebol. Não podemos nos esquecer que os jogadores são os principais “garotos propaganda” dessas marcas, provocando assim a esperança de milhões e milhões de crianças e adolescentes que sonham em ser como seus ídolos. Infelizmente apenas poucos irão conseguir chegar ao mundo do futebol. E mesmo os que chegam não irão viver cheio de deslumbres como os seus ídolos, haja vista que poucos chegarão ao estrelato. Resultando em que todos aqueles sonhos e esperanças iniciais se tornem decepções

4.2 As Categorias de Base.

Falando um pouco das categorias de base, espaço esse que muitos professores de escolinhas visam encaminhar seus alunos para quem sabe um dia cheguem a se profissionalizar, sobre isso Florenzano (1998), trás o que seria a função das escolinhas de aprendizagem ou rendimento (ditas categorias de base) na formação do futuro jogador de futebol profissional, onde todas as correções dos gestos técnicos e perceptivos do seu cotidiano como atleta de futebol seriam totalmente sanadas. Além de suas dúvidas a respeito do esporte e da vida de um atleta profissional.

Assim, vemos a necessidade e a importância do futuro jogador de futebol em vivenciar estes momentos. Isso nos faz pensar se é nas categorias de base que devemos priorizar não somente a formação de um atleta técnico, mais também de um atleta inteligente. Onde as competências necessárias que um atleta deveria reunir não ficariam restritas apenas aos quesitos de habilidades ou preparo físico – fato comum em várias equipes. E, sim, contar com jogadores mais preparados nos aspectos profissionais, sociais e pessoais (Afif, Brandão, Agresta, 2009). O que os autores querem nos mostrar é que estes atletas inteligentes devem adquirir, principalmente nas categorias de base aspectos de domínio técnico, técnico-tático, sociais e pessoais. A sociabilidade é a contribuição para o grupo e os pessoais se referem à dimensão da educação e cultura.

4.2.1 O Atleta/Aluno Inteligente

Percebemos que hoje em dia, não só o futebol mas também os esportes coletivos de maneira geral, necessitam da cooperação de elementos que a equipe deve apresentar para vencer algumas situações que surgem durante o jogo, bem como o uso da inteligência, que é entendida como a capacidade de adaptação às novas situações. (Afif, Brandão, Agresta, 2009).

Assim, não podemos perceber com qual frequência ou, que dificuldade um determinado desafio será apresentado no decorrer do jogo, onde o aluno deve se adaptar à medida que os momentos do jogo ou novas situações sejam vivenciados. Segundo Afif, et. al. (2008)

mostram que a resposta motora apresentada por um jogador no momento da tomada da decisão e da execução de uma ação do jogo será o reflexo da organização, percepção, e compreensão do que lhe foi apresentado, aliado a seu repertório motor (Afif, et al, 2008, p.153).

O professor, que vier a ensinar qualquer tipo de jogo desportivo coletivo, onde se enquadra o futebol, deveria atentar seu processo de ensino a jogos que tenham como ponto de partida as situações particulares que são exigidas através da prática, sendo assim decomposto em unidades sistemáticas com grau de complexidade crescente. Com isso, teremos como resultante o aparecimento das técnicas de acordo com a tática, sendo uma aplicação de todos os momentos e dilemas do jogo em si, por meio da técnica nas ações do jogo. Fazendo que toda aquela metodologia e forma de pensar o futebol muito observado e presente nas escolinhas, da qual transforma os alunos em jogadores “robotizados”, venha a ser deixada de lado pelos futuros professores (assim esperamos).

Deve-se atentar que o futebol possui um componente muito grande de indeterminação (sendo ele o jogo). Assim não podemos considerá-lo como uma ciência exata (razão, apenas). Então o futebol pode ser descrito como, segundo Afif, et. al. (2008)

Um jogo coletivo de oposição e de tática, que exige de seus praticantes um determinado número de habilidades específicas para jogar, sendo que estas apresentam influenciadas diretamente pelo acervo motor e compreensão de jogo (inteligência tática). Esta técnica deverá ser desenvolvida segundo o contexto lógico (Afif, et al, 2008, p.153).

Portanto, segundo Scaglia (2010), “ser inteligente é ser capaz de resolver problemas”. Falando-se em futebol significa que todos os treinamentos dentro e fora do campo que os jogadores forem submetidos, devem se caracterizar como problemas a serem resolvidos pelos atletas. Muito diferente do que acontece hoje, em que os jogadores são tratados como seres especiais, os quais de modo paternalista e assistencialista precisam ser atendidos em todas as vontades, evidenciando uma ação voltada para o que o jogador quer e não o que ele precisa.

Isso nos faz pensar que o atleta ou, o aluno, precisa ser estimulado a pensar. Sendo que pensar no jogo é uma tarefa muito difícil, principalmente para os aprendizes, onde o prazer de praticar o esporte na maioria das vezes passa por cima da necessidade de agir diferente do que já está sendo mostrado, ou do que se tornou um hábito. Esse será o grande desafio para que, principalmente os atletas, consigam superar a forma antiga de robótica de se jogar o futebol.

4.3 A Ciência e a Técnica.

Não podemos esquecer hoje que a ciência e a técnica aparecem de forma que legitimam e constroem o discurso da modernidade. Para Adorno e Horkheimer (1985, p.20) “a técnica é a essência deste saber, que não visa conceitos e imagens, nem o prazer do discernimento, mas o método, a utilização do trabalho do outro, o capital”.

Em virtude de todo esse aspecto mercantil que cada vez mais está presente no futebol, hoje a ciência se faz presente diariamente nos clubes, inclusive nas escolinhas. Não venho aqui para criticar ferreamente a ciência, mas como ela vem sendo aplicada ao futebol. O que podemos ver é cada vez mais cedo os jogadores sendo submetidos a testes e métodos de treinamentos que os deixam praticamente presos a apenas uma maneira de jogar. Onde também é perceptível que esta ciência faz com que os jogadores (por mais jovens que sejam), formam-se precocemente para o mercado de trabalho, com isso, esses jovens atletas não têm tempo suficiente para se adaptarem a este novo futebol.

Isto resulta num rápido amadurecimento tanto físico quanto tático, sendo assim, lançado neste sistema que vem sendo imposto. Com tudo isso, este jovem está “preso” apenas aquela automatização de todos os gestos que envolvem o jogo. Então esta crítica à ciência vem a partir das metodologias propostas nos treinamentos dos jovens jogadores, onde o esporte deveria também, como diz Brodtmann e Trebels (citados por Kunz, 1989, p.69), “compreender o esporte é ultrapassar os limites de sua efetividade prática, ou seja, o saber em relação às realizações objetivas do esporte”. Restando assim a ciência, se adequar a estes aspectos que caracterizam os esportes de uma maneira geral, para que respeitem

todo o processo de formação do aluno ou até mesmo dos futuros atletas de rendimento.

4.4 Como Pensamos as Categorias de Base e Escolinhas.

Neste tópico, pretendo relatar como meu orientador e eu neste momento, pensamos as categorias de base e escolinhas de futebol. Há hoje um refinamento educacional na elaboração dessas categorias e escolinhas que precisam ser entendidas a partir da reflexão crítica para não correremos o risco de produzirmos o sucesso profissional à luz da desumanização.

As categorias de base como departamentos dos grandes clubes de futebol, são formatadas para “abastecerem” as equipes principais em suas jornadas (campeonatos), cujos êxitos expressam-se em qualificação para obterem vultosos contratos publicitários e de veiculação do direito de imagens (espetáculo) de suas equipes pelas grandes redes midiáticas transnacionais da “grande aldeia global” da qual se transformou o mundo.

Outro grande objetivo para a existência das categorias de base nos clubes é a fonte de renda com a venda de atletas talentosos. Hoje todo grande clube necessita, no Brasil, vender de um a três grandes jogadores de sua base para manter o equilíbrio de suas despesas operacionais.

Frente a esta realidade posta pelas necessidades empresariais e as determinantes econômicas que o futebol tem assumido, é que necessitamos elaborar expectativas de formação de jovens e crianças que, atendam a essas exigências, mas possibilitem superá-la já nesse momento, para a concretização de um mundo esportivo que traga novamente ao futebol horizontes humanos aceitáveis, tanto para sua cultura, hoje colonizados em excesso pelo mundo empresarial de negócios, quanto para a sua prática de ensino enquanto educação esportiva plena que valorize, dignifique e promova vida.

Temos pensado em processos de educação esportiva para as categorias de base e escolinhas, mas quais o trabalho apresente-se como princípio educativo e não como imposição aos jovens e crianças em seus processos de ensino.

Isso nos leva a ordenar o ensino em quatro grandes eixos:

1. Eixo técnico-instrumental: Onde se deve aprender com inteligência a resolver as situações do jogo do futebol em sua dimensão extremamente competitiva quando não há mais tempo entre o atacar-defender. Isso trás inúmeras exigências técnico-táticas, físicas, psicológicas e afetivas aos atletas/alunos e aos grupos de atletas/alunos (equipe).

2. Eixo do esclarecimento: o futebol é um fato cultural complexo cuja magnitude precisa ser tomada no ato educativo dos jovens e crianças nas categorias de base, sob pena de atrofiarmos a cidadania em uma tutela alienada apenas ao mundo empresarial. Defendemos, portanto que o processo de educação esportiva plena de futebol também abra os caminhos para a compreensão sociológica, filosófica, antropológica e político-cultural críticas sobre o mundo do futebol. Ou seja, ser bom dentro de campo jogando futebol, mas também no mundo da vida.

3. Eixo das interações sociais: O ambiente humano caracteriza-se como eminentemente sócio cultural. Os ambientes do futebol competitivo que inspiram a formação das categorias de base e escolinhas necessitam de equilíbrio emocional e ímpeto para as conquistas coletivas. É esse desafio que chama os sujeitos de uma equipe e de um clube a tornarem-se íntegros e coesos em suas ações sociais. Ganha a equipe que quer mais coletivamente alcançar seus objetivos. A educação para a constituição de grupos que geram vida é o primeiro pilar educacional fundamental para o sucesso dos jogos coletivos e, para o futebol expressar-se com forma própria a ser educado.

4. E, finalmente o eixo de ordenamento dos conteúdos de ensino do futebol da sensibilização para a vida, própria do grupo da comunidade e da vida planetária. O mundo midiático dos espetáculos esportivos com suas imagens é capaz de retomar ou, aprofundar a crise planetária. Um instrumento da dimensão cultural do futebol, com seus atos, são capazes de produzir sensibilidades humanas adormecidas (para o bem e para o mal), cabendo ao processo (jogar, aprender) saber dimensionar “qual a música a ser tocada”. A vida planetária necessita dos exemplos de um atleta capaz de produzir, mesmo em um ambiente como o esporte degenerado em negócios cujo, a falta de sensibilização é a marca registrada. Nele existe o germe da anti-vida, mas também, em potencial igualmente grande, a possibilidade de promover a sensibilidade emocional para o resgate da vida planetária, esse sendo um eixo de esperança pouco trabalhado nos esportes.

Conseguimos notar a grande importância que as categorias de base e escolinhas têm na formação das crianças e jovens que convivem neste meio. Percebemos aqui a capacidade com que os praticantes têm de resolverem situações-problemas que, por diversos momentos, são evidenciadas durante a vivência, conseguindo resolvê-las de maneira inteligente e eficaz. Em seguida temos que apresentar a magnitude cultural do qual o esporte pode nos apresentar mostrando as compreensões das mais diversas áreas humanas, pois sabemos que nem todos chegarão ao nível profissional, preparando-os também para o mundo da vida. Como se trata de um espaço de diversas interações entre as pessoas, deve-se despertar no aluno a importância dessas relações entre todos, haja vista que o futebol é um esporte coletivo. Mas também se deve compreender que o conteúdo de ensino está muito além das quatro linhas do campo, onde as sensibilidades humanas, juntamente com o processo, como por exemplo, o jogar, irão nos mostrar como o futebol será praticado pelos alunos.

4.5 O Ser Criança

Já que a maior parte dos alunos presentes nas escolinhas de futebol são crianças, é necessário entender um pouco mais a sua verdadeira função social. Segundo Silva (2010), as crianças criam cultura com seus corpos em movimento (jogos, gestualidades e linguagens). Essa cultura corporal e de movimento, no entanto, é mediada pela cultura dos adultos e, muitas vezes, para além desta, nos deixam importantes legados sócio-culturais, éticos e estéticos, sinalizando com elementos ontológicos simbólico-reais para a construção de outro modelo de sociedade.

Portanto, significa dizer que, a criança constrói e gera cultura nas formas “específicas” com que explora o meio ambiente, estabelece relações afetivas com outras crianças e com os adultos, comunica e compreende sentimentos, valores, atitudes, ressignifica objetos entre outros; expressando-se através de

diferentes conteúdos/linguagens culturais, tais como: palavras, gestos, olhares, choro, riso, silêncio, imitação (PINTO, 2000/2001 p. 140).

A falta de compreensão por parte dos professores, que neste momento estão na fase adulta de suas vidas, faz com que haja um enfrentamento de classes (dos mais velhos com os mais novos), resultando em prejuízos para ambos. O modo como crianças e adultos concebem o mundo são totalmente diferentes, onde segundo Freire (2008, p.25) “as crianças recorrem com enorme freqüência à fantasia e ao seu poder corporal; os adultos recorrem ao pensamento e à linguagem, principalmente”. Isso, se ocorrer, pode ser um massacre dos adultos sobre as crianças, onde essa falta de consideração pelo mundo infantil pode atrapalhar todo o processo de formação da criança nas mais diversas atividades, entre elas o futebol.

Os professores, principalmente, quando trabalham com crianças, não devem ter pressa para identificar os progressos. Em suas aulas, deveria criar situações e ambientes favoráveis para as brincadeiras, impedir que elas brinquem com a bola, por exemplo, seria um grande erro. No simples brincar, é possível desenvolver uma série de aspectos que irão ser agregados durante o jogo, como por exemplo, as habilidades motoras e a socialização. Penso que não interessa muito a faixa etária de “crianças” que os professores estão trabalhando, mas não se deve mudar radicalmente de um dia para o outro suas características. Ao chegar nas escolinhas de futebol, ela deve sim, continuar brincando de esportes, para que a técnica e todo o conjunto de sistematizações que o jogo exige, sejam aprendidos vagarosamente e com paciência, respeitando assim, todas as etapas de aprendizagem deste sujeito.

Para Sayão (2000),

a vivência em espaços coletivos com outras crianças e adultos possibilita aos meninos e meninas e mesmo aos adultos, a ampliação de seus conhecimentos e inúmeras dimensões como a ética, estética, corporal, mimética, sensível, oral, escrita, artística, rítmica entre outras (Sayão, 2000, p.37).

Por todas essas situações apresentadas, a autora nos mostra a importância de investir nas brincadeiras como eixo principal nas aulas, sendo que não deve ser utilizada de maneira *funcionalista*, onde através dos aspectos da sociedade em termos de funções realizadas por instituições (como por exemplo, a escola, escolinhas, categorias de base) perceberíamos os seus reflexos e conseqüências sociais.

Com base nos estudos realizados com a temática deste item, além de conversas com o orientador, penso que criança é um ser humano de pouca idade que compreende diversas características e se faz necessária ela vivê-las, como por exemplo, o brincar, o simbolizar e o faz-de-conta.

Depois de pensar este ser, deve ser lembrado também do período da vida que vivemos este “ser criança”, sendo este a infância. Deve-se perceber que a criança é um ser “passageiro”, que ao final deste momento da vida, terá uma nova característica pela frente. Agora este período de vida no qual a criança vive (chamado infância) sempre estará ali. Todas as faixas etárias poderão viver e re-viver este período. Assim, é desafio de todo o professor que ministra aulas para aqueles que se encontra neste momento da vida, saber mostrar que durante um jogo, a criança deve ser motivada a puro e simplesmente fazer o que a caracteriza, que é o simbolizar a vivência, o fazer de conta durante o jogo, ou seja, o brincar.

4.6 O Trato Pedagógico.

Vamos imaginar um funil (conforme figura ao final deste item), naquela parte onde apresenta uma maior área, o professor deve depositar tudo aquilo que pretende que seus alunos compreendam ao final da aula ou de um planejamento em longo prazo. Por exemplo, conteúdos como o futebol, a técnica do jogo, a pedagogia, psicologia, afetividade, o jogo em si, as regras, curiosidades, sociedade, relação da população com o esporte etc. Assim para atravessar toda aquela pequena parte e se liberar deste funil, esta série de conteúdos deve passar pela análise de uma concepção de ensino, da qual o professor irá seguir ao longo de suas aulas, sendo que após todo esse processo, está pronto o trato pedagógico,

caracterizando-se como transformação de uma série de elementos em conteúdo de ensino.

Exemplo disto é apresentado no livro *Pedagogia dos Esportes*, onde é dito pelo autor, Renato Sampaio Sadi (2010), que a defesa que os desafios devem promover nos conhecimentos em educação física e, também, nos esportes, podem ser evidenciados através dos jogos, onde os alunos vivenciam por completo os esportes, porém os professores devem criar uma série de situações aos seus alunos para que assim possa ser reconstruída esta concepção, pois hoje em dia, o esporte através dos jogos é evidenciado pelo rendimento, restando assim aos professores, terem um melhor posicionamento com esta temática.

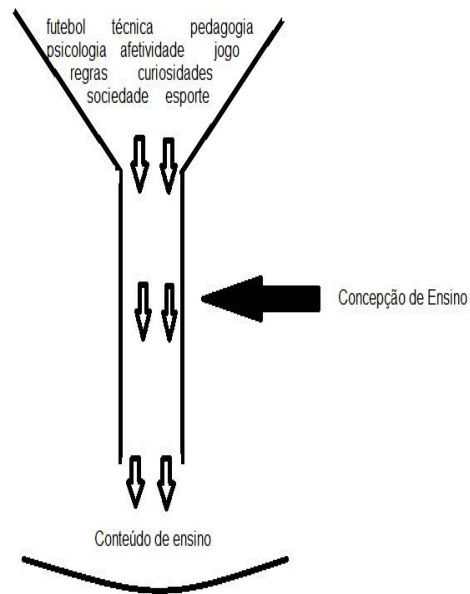
Percebe-se aqui uma preocupação com o trato pedagógico, onde o autor nos coloca o jogo e a forma que deve ser trabalhado para que os alunos não reproduzam a imagem que ele mantém hoje na sociedade, com uma pura visão do rendimento, que, segundo Kunz (1996, p.96), “se orientam apenas na produção de rendimentos a partir do modelo olímpico do mais veloz, mais alto e mais forte (Citius, Altius, Fortius)”.

Porém, existem alguns aspectos que devem ser levados em consideração na construção de um trato pedagógico. Como por exemplo, a realidade e a possibilidade. Segundo Taffarel (1993),

são formações materiais, propriedades, estados, que não existem na realidade, mas que podem manifestar-se, em decorrência da capacidade que as coisas materiais têm de se transformarem. Realizando-se, a possibilidade transforma-se em realidade, sendo a realidade, portanto, uma possibilidade já realizada e, a possibilidade, uma realidade em potencial (Taffarel, 1993, p.245).

Assim quando identificamos todas as possibilidades e reconhecemos que elas podem ser transformadas de acordo com o que a realidade apresenta, pode-se, segundo Taffarel (1993, p.245) “interferir no curso objetivo dos acontecimentos e, criando condições requeridas, acelerar ou refrear a transformação

de possibilidades em realidade”. Sendo que o trabalho humano é ação que visa criar condições necessárias para a realização dessas possibilidades.



FONTE: Autor.

5. Análises dos Dados

Estas análises e discussão das coletas de dados terão início a partir do que foi dito pelos professores no primeiro eixo desta pesquisa (onde em cada eixo, primeiramente, foi analisada a entrevista do professores A, C e D, que são formados em educação física, sendo que em seguida os professores B e E terão suas respostas analisadas). O primeiro eixo teve como tema a caracterização dos fatos e experiências significativas que forjaram sua concepção de ensino sobre o futebol. Lembro que esta entrevista foi de caráter semi-estruturada onde não necessariamente foram realizadas as perguntas que outrora foi planejada.

Todos os professores citaram que o futebol surgiu em suas vidas, despertando o desejo de atividade ou profissão, no período da infância, onde se reuniam com os colegas para jogarem a popular “pelada”.

Porém, quando focado pelos professores A, C e D, sobre os elementos de suas formações nas universidades, percebi algumas diferenças. O professor A, apesar de se declarar um amante do esporte, até chegar ao curso de Educação Física, não pensava em trabalhar, vivenciar ou, participar de projetos relacionados ao esporte. Sendo na disciplina de futebol que começou o seu encantamento pela área, onde o responsável era um professor formado em Educação Física que foi um ex-atleta profissional. Assim, segundo o entrevistado, as aulas na universidade foram muito válidas, pois além de todo o conhecimento técnico e tático que o professor ensinou aos acadêmicos, também contava histórias e situações sobre sua experiência prática enquanto jogador. Assim, percebi que sua formação foi voltada prioritariamente para o treinamento, porém vale à pena ressaltar que aspectos da pedagogia do esporte, também eram focados em suas aulas.

Já o professor C, formado no curso de bacharelado em educação Física, disse que a universidade o ajudou e muito a construir suas idéias sobre o futebol, dando assim elementos para integrar com a prática. Destacando também disciplinas como a psicologia e pedagogia dos esportes, além de gestão e gerenciamento de pessoas, que colaboraram no seu processo de formação. Porém, ressaltou com muito entusiasmo que a vivência prática que teve enquanto aluno de escolinha, atleta de categoria de base, também o ajudou.

O professor D lembrou que sempre praticou muitos esportes na sua infância, sendo um deles o futebol e isso fez com que ele buscasse o curso de Educação Física, para compreendê-los melhor. A disciplina de futebol em sua universidade teve como característica um foco mais técnico, onde o tema escolinha não foi focado. Apesar disso, lembrou também que a vivência técnica que teve na disciplina de futebol enquanto acadêmico, praticamente já era de seu conhecimento, onde um dia vivenciou algo parecido nas escolinhas que freqüentou na infância. Noção pedagógica foi algo que sempre chamou sua atenção na universidade, e não se recorda de ter uma aula que fosse voltada mais para este lado do esporte. Hoje apesar de trabalhar também numa escolinha, pretende trabalhar com a Educação Física curricular nas escolas.

Falando agora dos professores ex-atletas, lembro que os dois têm o registro de provisionado do CREF/SC. Assim, o B, mostrou que quando criança tinha o futebol como um lazer, gerando assim sonhos por parte dele e de seus amigos em virarem jogadores de futebol. Porém, com o passar dos anos, infelizmente esse sonho não se concretizou e, assim, começou a disputar jogos por um clube amador da cidade. Percebendo o amor que as crianças do bairro tinham pelo esporte, viu a necessidade de ensiná-las a jogarem, trazendo elementos importantes de suas experiências como jogadores dos clubes dos bairros para suas aulas. Desse, tempo trouxe consigo lembranças positivas e negativas, mas em suas aulas, procura mostrar que apenas as vivências boas com os alunos é que prevalecem, como por exemplo, o carinho e a amizade que cultivava ao longo dos anos.

Para o professor E, o futebol surgiu em sua vida da mesma maneira como todos os outros entrevistados, como uma brincadeira. Assim ele também

acompanhava seus irmãos em jogos em todos os lugares que iam. Um dia, veio a possibilidade de realizar um teste em uma equipe profissional da cidade, onde foi aprovado e ano mais tarde se profissionalizou e jogou em diversas equipes do país e do mundo. Mostra a seus alunos que a disciplina foi o principal elemento que trouxe para suas aulas, da época que foi jogador. As vezes em forma de castigos ou em conselhos por parte dele mesmo. Vale a pena ressaltar que a importância dos estudos deve ser prioridade na vida dos alunos, ou como o professor citou, no começo de suas carreiras. Pois segundo ele, nem todos irão conseguir chegar a jogar em clubes profissionais, então com o estudo já concluído, os alunos estarão prontos para enfrentar o mundo.

A partir do que todos falaram, percebe-se que o futebol continua sendo muito popular, principalmente por parte das crianças e jovens. Isso se deve pelo fato de ser muito simples de se jogar, bastando apenas uma bola e alguns objetos que possam vir a ser as traves. Freire (2006) nos diz que os

brasileiros e o futebol têm tido um casamento perfeito, embora as razões de tão bem-sucedida união ainda sejam pouco conhecidas (isto é perceptível nas entrevistas). Somos como dizem alguns cronistas, “A pátria de chuteiras”. Somamos cinco títulos mundiais e um sem número de outros títulos e vitórias que nos colocaram no topo do mundo nessa arte de jogar com os pés (Freire, 2006, p.1).

Isso nos faz pensar se realmente não fomos nós, brasileiros, que inventamos o futebol. Se formos observar em todos os lugares do nosso país, principalmente nos mais pobres, percebe-se que o nosso futebol tem início como uma brincadeira. Onde o jogar futebol, principalmente, para os meninos, muitas vezes com pés descalços e uma bola que talvez não seja a mais apropriada, jogando nas ruas e vielas, vivenciam de diversas formas o esporte. Segundo Freire (2006, p.2) “esses pés descalços, bola e brincadeiras são alguns ingredientes mágicos dessa pedagogia de rua que ensinou um país inteiro a jogar futebol melhor do que ninguém”. Porém, deve-se atentar que não só coisas boas a “rua” pode

trazer para as crianças e a população em geral. Devemos tomar muito cuidado quando nos referirmos a “rua” como uma pedagogia, mas com certeza não deve ser esquecido os aspectos positivos que nelas estão inseridos, como a cultura, a liberdade, etc.

Com o passar dos anos, percebemos o surgimento das escolinhas de futebol, que visam (superficialmente) ensinar um grupo de crianças e jovens a jogar futebol. Isso me fez querer saber dos professores entrevistados, o que eles compreendiam desse espaço chamado escolinha de futebol.

Assim, o professor A entende que este espaço funciona hoje em dia de duas formas. Uma são aquelas que acontecem depois do turno escolar, sendo que para ele se não tiver um profissional extremamente capacitado ministrando essa turma, ela será apenas um “depósito” de alunos, onde os pais que neste momento não podem buscar seus filhos durante o trabalho, acabam por deixá-los nas escolinhas. De outra forma são as realizadas em turno oposto ao escolar. Com essa fala, percebemos bem o local de trabalho que este professor está inserido, onde o espaço escola é a todo tempo lembrado por ele.

Já o professor C, vai mais além às suas considerações sobre este espaço. Mostrou que é função das escolinhas proporcionarem um momento de descontração, importante no aprendizado da “criança-aluno” e “criança-atleta”. Esses dois termos me causaram estranheza e ao mesmo tempo curiosidade em saber seus significados e importância nas escolinhas. Assim em observações na literatura e periódicos na nossa área, percebi a carência de citações que tratam desta temática.

Porém, o entrevistado fez questão de conceituá-las. Então segundo o professor, a criança-aluno é a criança que tem como objetivo apenas a atividade física como meio de integração, socialização, respeito, entre outros fatores. Já a criança-atleta apresenta os deslumbramentos da possibilidade de uma carreira sólida no esporte. Após toda essa conceituação dos termos, questionei o entrevistado de que maneira ele achava que funcionaria uma escolinha com esses dois tipos de alunos que foram citados por ele mesmo. Como resposta mostrou que essa diferença está muito mais evidente no sonho da criança em ser um aluno-atleta, porém no professor está a sabedoria em saber diferenciar a criança-aluno da

criança-atleta. Não é possível integrar os dois tipos, onde o tempo, o perfil e a forma de abordar o treinamento são diferentes, pois quando se fala em treinamento (criança-atleta) imagina-se volume e intensidade; e em escolinhas (criança-aluno), se deve abordar volume, repetição, descontração, sem um foco em resultados urgentes.

O professor D afirma que as escolinhas de futebol é uma aula extra com o objetivo de ensinar o futebol, junto às percepções de grupo, noções técnicas e táticas, fazendo com que os alunos participem ativamente da organização da aula

O professor B mostra que deixa de fazer o que está fazendo, para assistir qualquer aula de futebol em escolinhas, de tamanha importância que esta temática é para ele. Pois além de ser um espaço onde as crianças estão praticando um esporte, tira as mesmas de períodos ociosos. Acha também que este espaço deve ter um papel fundamental na formação da criança em um cidadão.

Já o professor E, está a pouco tempo trabalhando com escolinhas e acha que este espaço é para alguns alunos o início de uma carreira como jogador de futebol, haja vista que quase em sua totalidade, os atletas profissionais passam por esta fase. Além disso, é também um momento para a grande maioria focar seu olhar para o que está acontecendo com a sociedade, tirando elas de caminhos perigosos.

Penso que neste espaço chamado escolinhas de futebol, irão aparecer diversos tipos de crianças. Aquelas que não apresentam intimidade com a bola, outras que já demonstram mais habilidade, algumas sem pretensões futuras no esporte, encarando o mesmo como um passatempo, e também, existem aquelas que sonham e almejam de qualquer forma ser um jogador profissional de futebol. Porém, acho que é possível sim trabalhar com esses dois tipos de alunos em uma turma (e quem já ministra aulas de futebol sabe que isso é comum), onde é um dos objetivos das escolinhas, fazer com que os alunos saibam lidar com os diversos tipos de diferenças que possam aparecer, como físicas, técnicas, sociais e por que não de sonhos? Mas, seria uma boa idéia procurar algo mais especializado em outro horário da própria escolinha ou até mesmo num outro local, como uma categoria de base, buscando, assim complementar mais ainda a formação deste aluno-atleta.

Partindo para o segundo eixo de perguntas que trata da descrição da metodologia de ensino que cada uma adota em suas aulas, o professor A pensa sua metodologia em três idéias de acordo com a sua realidade, onde com seus alunos mais novos, de idade que varia de onze a quatorze anos, e possuem duas aulas na semana, é descrita de maneira que num dia elenca uma seqüência de fundamentos para trabalhar com os alunos, sendo este o foco principal da aula e, em seguida, um jogo. Já no outro dia, o jogo é a prioridade da aula, com variação entre mini-jogos e jogo por “completo”. “A segunda idéia é voltada aos maiores (entre quinze e dezessete anos) onde tem apenas uma aula na semana e acredita que os alunos já chegam nesta idade, teoricamente “sabendo jogar” (não dá para afirmar se todos chegarão nesta idade sabendo jogar), sendo assim, a aula é voltada para o jogo. Já na terceira, é no projeto que é voltado mais para o alto-rendimento. A aula é dividida em parte física, orientada por um preparador físico, a parte técnica, evidenciando os valores de cada posição e o jogo. Porém, ele não aborda que o aluno pode vir a não ser profissional, e não é enfatizado o futebol como objeto de lazer.

Assim, a sua mediação do conhecimento, chega de diferentes maneiras aos alunos. Nos menores, ele pensa que deve ser de uma forma mais restrita ao que o aluno está realizando naquele momento, e exclusivamente para ele. Com os maiores, ela é mais ampla, onde por falta de tempo, prefere utilizar desta maneira, pois além de conversar com o aluno a respeito de algo que aparece naquele momento, cita novas situações que poderiam aparecer a todos na aula, não fixando apenas num aluno especificamente. Já no projeto, quando algo que lhe chame a atenção é evidenciado, a aula é parada para que a atenção de todos seja focada no ocorrido.

Uma aula onde o jogo é fracionado, sendo que ele é o principal ponto de sua aula, é a característica de trabalho do professor C. Tendo início com uma brincadeira em forma de aquecimento, passando por um período que é trabalhado as capacidades individuais e fundamentos, além do jogo. Sendo o que difere em relação a uma idade da outra é a intensidade das atividades além de sua cobrança. Sua forma de mediar o conhecimento para seus alunos é sempre de uma forma mais ampla, através, principalmente, de uma conversa, geralmente (dependendo da gravidade) realizada no final da aula. Nesse momento, é exposto a todos o que aconteceu em um determinado momento que poderia ter sido diferente ou, até

mesmo, provocá-los de maneira que busquem uma resposta para o problema lançado.

O professor D procura fracionar o jogo dentro dele próprio, juntamente com os alunos onde eles percebem suas reais necessidades. Assim, de forma mais ampla, mostra aos alunos o que para ele seria uma forma, dita “correta”, de lidar com aquela situação. Mas faz questão de abrir espaço aos alunos para que todos apresentem também o seu ponto de vista.

O professor B trabalha com a idéia de que até os nove anos de idade a escolinha de futebol deve ter caráter recreativo, onde com isso as crianças possam se familiarizar com o esporte através do jogo. Já de nove a treze anos, é focado apenas o aprimoramento dos fundamentos, onde o jogo não é o foco, sendo possível que em algumas aulas não venha a ser realizado. De quatorze a dezessete, prefere trabalhar sempre com a bola. Desde o aquecimento os alunos estão em contato com ela. Assim realiza mini-jogos, situações que possa vir a acontecer durante uma partida são enfatizadas. Sendo muito importante que o professor saiba argumentar aos alunos a importância de todas essas relações que possam vir a aparecer durante o jogo.

Para o professor E o jogar deve ser o último recurso. O fundamento é o mais importante na idade com que ele trabalha (entre cinco e doze anos). Assim, uma coisa leva a outra, mesclando a fundamentação e, “se merecer”, o jogo (percebe-se aqui uma relação de merecimento, onde se tudo ocorrer “bem” na aula, os alunos poderão jogar). Mas não há uma explicação racional para isso, sendo um instrumento de prêmio ou castigo pela “disciplina tropa” pelo que o “comandante” apresentou. Suas considerações são sempre passadas de forma ampla para que assim todos tenham acesso àquela informação. Evidenciando muito situações semelhantes às que ele, enquanto atleta profissional viveu, mostrando, como solucionou ou, agiu naquele momento.

Percebe-se na fala desses professores, diferentes metodologias e maneiras de ensinar o conteúdo futebol às crianças e jovens das escolinhas. Enquanto professores de futebol se deve atentar ao fato de que é na infância e adolescência de uma pessoa que ocorre a maior parte do aprendizado dela no esporte, sendo que muitos professores vêm tomando atitudes e métodos tradicionais

de ensino que prezam, exclusivamente, pela técnica, exagerando assim em sua repetição, fragmentando totalmente o ensino.

Segundo Afif, et. al.(2008)

ao fragmentar-se o ensino, vai-se das técnicas analíticas para o jogo formal, ocasionado uma supervalorização e hierarquização das técnicas e o surgimento de ações mecânicas pouco criativas e comportamentos estereotipados, o que acarreta sérios problemas na compreensão do jogo, ou seja, leituras deficientes e soluções pobres (Afif, et al, 2008, p.153).

Assim, é durante o jogo que deve nascer à necessidade pela técnica, sendo através de atividades com um nível de complexidade crescente, o jogo pode ser fracionado em diversas situações onde cada uma delas apresenta uma finalidade, assim o aprendiz pode desenvolver o lado técnico dentro do que o jogo vem a exigir.

Isso faz com que o jogador em formação, conforme Afif, et. al. (2008)

não só aprende o gesto técnico, mas principalmente compreende quando e como usá-lo, dependendo do que é exigido pela situação de jogo. Ele descobre seu gesto ao apresentar sua eficiência e competência (Afif, et al, 2008, p.154).

Primeiramente, deve-se atentar que muitos desses alunos são crianças de muito pouca idade (cinco anos) que necessitam de elementos, digamos assim, lúdicos, para que a atividade tenha uma boa aceitação no aspecto motivacional. Segundo Sayão (2000)

as crianças dessa faixa etária (até os seis anos de idade) apresentam-se como sujeitos que possuem características e necessidades que são singulares quando comparadas com outras categorias etárias (Sayão, 2000, p.2).

Talvez, assim, aulas que tratem apenas do fundamento técnico específico, onde o jogo é deixado de lado, não vem a ser o que ela espera. Deve-se considerar o fato de que as crianças devem e aprendem toda a parte técnica que envolve o esporte em questão, durante o jogo. Cabendo ao professor toda a responsabilidade de alterar as formas dos jogos, buscando novas situações, mudanças de regras, no número de jogadores, na forma de jogar, entre outras. Tudo isso visando que a criança seja capaz de aprender e executar a parte dita técnica do jogo durante a sua melhor hora, a vivência.

Partindo para o terceiro e último eixo de perguntas aos entrevistados, onde tem como tema, como são elaborados os dilemas educacionais e temas de ensino do futebol em seu trato pedagógico, foi perceptível que a estrutura das aulas dos professores A, C e D não foi encontrada diferenças significativas. Num primeiro momento é realizada uma conversa entre professor e aluno com diversos tipos de enfoque, como por exemplo, as aulas passadas, o jogo anterior, a importância do estudar, incentivo à atividade física, entre outros. Em seguida tem início uma fase onde as diferenças são notadas. O professor A com suas três realidades mostra que no projeto tem um preparador físico que é responsável por toda a parte de aquecimento do time. Já em sua outra realidade, com os maiores faz um aquecimento, dito tradicional e parte para o jogo, assim como com os menores. O professor C prefere neste espaço trabalhar o aquecimento em forma de brincadeiras e o D focando mais os alongamentos e um aquecimento com corridas.

Após esta parte inicial os professores partem para um momento no qual são trabalhados os aspectos técnicos e táticos que o esporte apresenta. Nota-se que todos, com exceção da turma dos “maiores” do professor A, aplicam um momento técnico em suas aulas. Porém, os professores A e C preferem trabalhar esta parte prática através dos mini-jogos, assim conseguem mostrar aos alunos situações que eles deverão encontrar durante os jogos. Já o professor D diz que às vezes prioriza um pouco mais os fundamentos em suas aulas, porém, em outras, o foco é o jogo. Assim, eles podem vivenciar também este aspecto técnico durante a vivência.

Como forma de mediar o papel deles enquanto professores, são perceptíveis grandes diferenças, enquanto o professor A pensa que a maioria dos

alunos chegam até ele estão no senso comum; procura sempre atentar àqueles que estão numa boa média de aprendizado e, também, nos que estão abaixo dessa média, desenvolvendo assim todo o seu planejamento para as suas aulas. O professor C diz que como mediador de um conteúdo, necessita manter, organizar e executar todas as ações de suas aulas. Crê que os professores formados em educação física tem um maior conhecimento teórico que um ex-atleta, por sua vez, talvez tenha um melhor conhecimento técnico. Mas para se manter um bom professor, o aprimoramento e o conhecimento devem ser contínuos, onde com isso acredita que os professores formados tem mais vantagens em relação aos não formados. O professor D afirma que sua mediação e papel durante suas aulas têm formas variadas. Busca maneiras de correção para aquilo que os alunos vêm demonstrando ou, vira um “mero espectador” com o objetivo de observar tudo o que foi absorvido por seus alunos e problematizar junto com eles ao final das aulas.

Elenquei uma série de dilemas educacionais que seguidas vezes são evidentes nas aulas de qualquer desporto coletivo. Como as diferenças de níveis técnicos, a presença dos adultos e a competição, por exemplo. Todos os professores concordam que pelo menos um desses dilemas citados está presente em suas aulas e devem ser respeitados sempre. Porém diferentes formas de agir também foram evidenciadas nas entrevistas. O professor A diz que o nível técnico pode prejudicar a motivação da turma, assim deve-se tentar priorizar outros aspectos para minimizar esta diferença, mas que ao mesmo tempo consiga capacitar aqueles alunos. Acha ainda que a presença dos adultos é complicada, pois sempre existem aqueles que querem mandar em tudo e ficam cobrando do filho, e do professor e outros que estão ali apenas para ajudar e apoiar todo o time. Deve ser tratado de maneira que os alunos estejam sempre focados nas aulas e no jogo. Ressalta, também, que estes dilemas aparecem bastante durante os jogos e campeonatos. O professor C mostra que os dilemas são evidentes e sempre resolvidos com uma conversa ao final das aulas. Já a competição o professor foi enfático ao dizer que ela apenas reflete o que o aluno trás de casa, onde existem alguns que chegam com aquela vontade e incentivados pelos pais a apenas vencer, já outros aparecem para se divertir, sempre querendo jogar. Quanto à presença dos adultos, percebe em sua realidade de duas formas: A) Onde existe o pai que está ali para prestigiar o filho e seus colegas, ajudando no que for preciso. B) Outros, suas

atitudes fazem com que o professor deixe de ser a referência para aquele aluno específico.

Todos enfatizaram a importância de que para ser um bom professor de escolinha, precisa-se ter a formação universitária, mas também mostram que os ex-atletas possuem um bom conhecimento técnico no esporte. Vale a pena também mostrar algumas diferenças que foram percebidas durante suas falas. Como a importância da formação universitária trazendo consigo a interdisciplinaridade no processo de formação do aluno, essa questão foi lembrada pelo professor A. A importância de dominar o conteúdo é uma competência básica para qualquer professor sendo que domine conteúdos como o relacionamento, formas de falar e conduzir as aulas, o carisma, ética, comprometimento, alimentação, higiene, respeito, estudos. O esporte é tudo isso, sendo que o professor de educação física ou de futebol é visto como referência para muitos dos seus alunos, é dessa forma que pensa o professor C. Além disso, o D mostra que primeiramente todos que mediam este espaço deveriam se preocupar primeiramente em saber trabalhar com pessoas, principalmente, com crianças, mostrando como é bom viver este ambiente de escolinha de futebol, organizando e ensinando todos sem esquecer-se de toda a questão social da criança, da cooperação entre todos, assim como também a pedagogia. A partir daí é que os professores devem planejar sua parte técnica.

Continuando no mesmo eixo, mas agora com as ideias dos professores ex-atletas, o professor B mostra que em todas as suas turmas, as aulas têm início com aproximadamente dez minutos de conversas, quando são enfatizados momentos das últimas aulas e jogos, além de conselhos e cobranças no sentido da amizade entre eles, assim como, a prioridade nos estudos, fato este que a todo o momento é cobrado, sendo caracterizado pelo professor como um “papo de amigo”. Em seguida com os alunos menores de nove anos, lembrou que o objetivo é o jogo, então é iniciado logo após este espaço inicial. Com os alunos de nove a treze anos, após a conversa tem início um aquecimento com alongamentos, passando para a prioridade nas aulas que é o desenvolvimento do aspecto técnico, para que se houver “tempo”, comece o jogo. Com os maiores de quatorze anos após o aquecimento, começa a parte técnica e em seguida um longo período de jogo. O professor E começa suas aulas com uma conversa inicial mostrando a programação e tentando resolver alguns problemas que possam vir a aparecer nos alunos. Com

isso divide as suas aulas em aquecimento, parte técnica e, em seguida, o jogo (se houver colaboração por parte dos alunos), terminando sempre com uma brincadeira. Lembrando que a faixa etária que trabalha é de cinco a doze anos na mesma turma. Percebe-se, assim, que não existem muitas diferenças nos métodos administrativos das aulas, mas sim na forma com que é passado o conteúdo para as turmas.

Quando perguntado da mediação dos conteúdos e suas atribuições e papéis de professores, ambos pensam que todo o professor de futebol deve ter vivenciado o esporte e, concordam que com a vivência que tiveram como ex-atletas de futebol, apresentam um conhecimento técnico muitas vezes melhor do que os professores formados em educação física, principalmente, até os treze anos de idade, conforme falado pelo professor B. Já o E diz que seu papel está em mostrar aos “futuros jogadores” o que um dia eles vão encontrar nos clubes profissionais. Porém tem aqueles que não demonstram interesse em viver do esporte, então mostra que existe o futebol amador como possibilidade de ganhar dinheiro com ele, não sendo sua principal fonte de renda.

Na questão dos dilemas educacionais, os professores tiveram diferentes modos de pensar. O professor B acredita que até os treze anos de idade todos os alunos, com relação ao nível técnico, devem ser tratados da mesma maneira. Já acima de quatorze anos, mostra a importância do que seria um jogador se não fosse o outro, focando assim em suas aulas no que cada um tem de melhor. Já a competição é tratada durante a própria aula, fazendo com que os alunos através de mini-jogos, por exemplo, vivenciem o tema. Quanto à presença dos adultos, mostra aqueles que vêm sempre para apoiar e, outros que só focam o olhar no próprio filho, sendo um “técnico” do próprio filho.

Já o professor E lida de maneira normal com os dilemas, destacando a importância da família nesse processo de formação, sendo uma segurança para o professor. Já na competição coloca as responsabilidades nos melhores, fazendo que apenas eles tenham a possibilidade de vivenciar esse momento, sendo que aqueles que não vão aos jogos têm que ter a consciência de que precisam melhorar muito para participar.

Ambos concordam que para ser um professor ideal deste espaço escolinha, deveria ser um profissional formado em educação física que tenha sido

um ex-atleta, porém exaltam também que a superioridade dos formados na área se dá pelo fato de que vivenciaram áreas técnicas e teóricas dos esportes, além de elementos interdisciplinares. O professor E diz que mesmo assim, acha que é mais capacitado para dar uma aula de fundamentos do esporte. Já o professor B diz que se fosse criança, preferia ter aula com um professor ex-atleta.

Quadro comparativo da análise dos dados.

Prof.	Como Surgiu	Escolinha	Metodologia	Mediar Conteúdo	Dilemas	Importância da formação universitária
A	Boas experiências no esporte.	Depósito de alunos. Vive no ambiente escolar.	Leva em consideração a idade e tempo de aula.	A maioria dos alunos chega no senso comum. Atenção focada nos com baixo nível técnico e com alto.	Nível técnico tira a motivação. Traz atividades que minimizem e capacitem o aluno. Adultos muitas vezes prejudicam.	Vê com importância, focando na interdisciplinaridade na graduação.
B	Boas experiências no esporte.	É a prática do esporte. Tira dos períodos osciosos.	Até os 10 anos só jogo. Até os 13 anos o jogo não é o foco. Até os 17 anos, só treino com bola.	Vivência no esporte. Conhecimento técnico melhor do que o graduado.	Até os 13 anos, todos são tratados de maneira igual. A partir dos 14 anos, foca no que cada um tem de melhor.	Graduados são superiores na teoria e ex-atleta na técnica. Ideal seria um professor graduado ex-atleta. Se fosse criança queria ter aula com um ex-atleta.
C	Boas experiências no esporte.	Descontração. Criança-aluno, criança-atleta.	Jogo Fracionado, sendo esse o principal ponto da aula.	Mantém, executa e organiza todas as ações. Aprimoramento e conhecimentos devem ser contínuos.	São evidentes e sempre resolvidos ao final da aula com uma conversa. A competição reflete o que o aluno trás de casa.	Focar em aspectos como o relacionamento, formas de condução, ética, saúde, higiene etc. É referência para os alunos.
D	Boas experiências no esporte.	Percepção de grupo. Técnica, Tática, com os alunos participando da organização da aula.	Jogo fracionado onde os alunos percebem suas reais necessidades.	Duas maneiras: 1. Professor atuante. 2. Mero espectador.	Pensa da mesma maneira que o professor C.	Saber trabalhar com as pessoas mostrando como é bom estar naquele espaço.
E	Boas experiências no esporte.	Início de uma carreira. Tira dos caminhos perigosos	(05 anos a 12 anos). O jogo não deve ser prioridade e sim a técnica.	Idem ao professor B. Mostra aos futuros atletas o que vão encontrar na realidade.	A importância da família como segurança para o professor. Os melhores vão para as competições e para os outros fica a mensagem de que precisam melhorar.	Idem ao professor B. Acha que é mais capacitado para organizar e ministrar uma aula de fundamentos técnicos do futebol, comparado ao professor graduado.

6. Considerações Finais

Para terminar esta pesquisa, tentei no decorrer da mesma procurar primeiramente mostrar como o futebol vem chegando à vida de todos os seus praticantes, seja ele objetivando o lazer ou o rendimento. Então foi relatado um breve histórico de como surgiu o esporte, além de momentos que marcaram a sua criação e chegada dele ao nosso país.

Assim, conseguimos compreender, como foi se constituindo o esporte mais amado pelos brasileiros. Com isso, apareceram diversos momentos, tais como o amadorismo, profissionalismo, a criação de unidades organizacionais. Até surgir a idéia e importância de ensinar o futebol nas escolinhas. Diversas maneiras de ensinar ou apresentar o futebol foram se constituindo ao longo dos anos. Isso (teoricamente) se deve ao fato de que diferentes sujeitos estão mediando o conteúdo futebol nesses espaços. Onde fica perceptível a presença de professores graduados no curso de educação física, com muito conhecimento teórico e prático, sendo esses conhecimentos bastante enfatizados durante sua graduação. No entanto, nota-se também a presença dos professores ex-atletas, na qual as experiências adquiridas provêm da sua trajetória de vida no esporte.

Assim, fui a campo para tentar descobrir se há diferenças nas formas de ensinar o futebol em escolinhas, sendo possível notar que elas apresentam-se em praticamente todos os entrevistados. Contudo, uma semelhança entre eles foi observada, todos foram crianças e jovens que obtiveram, digamos assim, sucesso durante as suas vivências no esporte. Nenhum entrevistado relatou ter sofrido algum tipo de discriminação ou a ausência de times para jogar (clubes, “peladas” ou “brincadeiras”). Ficando assim a pergunta, será que ao invés de possuírem um bom histórico, eles tivessem fracassado no futebol durante a juventude, esses

professores estariam hoje ensinando o esporte para as crianças? É uma pena que neste momento, não temos esta resposta, mais com certeza ela deve ser levada em consideração em estudos seguintes que tratem desta mesma temática.

Quando perguntado sobre o que seria este espaço chamado escolinha de futebol, local onde eles trabalham, conseguimos começar a identificar as diferenças no modo de ensinar e pensar o esporte. Onde os professores formados em educação física pensaram um pouco mais na valorização e formação dos seres humanos. Percebemos assim que diversas áreas de conhecimento que estão dentro do curso de educação física, nas universidades, foram enfatizadas por eles. Porém, cada um tentou conceituá-la de acordo com suas realidades ou, formas de pensar o esporte. Assim, vemos o professor A dizer que pensa a escolinha de maneira que não seja um depósito de alunos depois das aulas escolares e turnos opostos. O professor C nos trouxe em sua fala conceitos até certo ponto pouco estudados, como a criança-aluno e criança-atleta, mostrando assim a grande importância que o professor tem em saber diferenciar uma da outra, porém acha que não é possível trabalhar com os dois tipos de alunos numa mesma turma. Já o professor D acredita que além do objetivo de ensinar a jogar futebol, deve-se atentar para as percepções de grupo, noções técnicas e táticas, incentivando os alunos a participarem da construção das aulas e do conteúdo além de toda a sua organização.

Os professores ex-atletas pensam de maneira praticamente igual. Crêem que além de as crianças estarem praticando o esporte, afasta as mesmas das ruas, de períodos ociosos, tirando-as do “mau caminho”, sendo este o primeiro passo para o início de uma carreira.

Percebemos através destas falas que o futebol é algo muito complexo e, por isso, a sua necessidade de ser muito bem estudado. Quando olhamos para o que foi dito pelos professores graduados, pensamos que o futebol está além da questão técnica e no jogo em si, em situações que estão fora indiretamente, das quatro linhas. Ensinar é algo muito difícil. Notamos o modo de pensar o espaço e o esporte como algo utópico por parte dos professores ex-atletas, pois seus argumentos baseiam-se no que os meios de comunicações tendenciosos mostram nas reportagens apresentadas aos domingos pela manhã, enfatizando que o esporte

é a melhor maneira de tirar as crianças das ruas, das drogas, tráfico, crimes, etc. Isso todos nós já estamos cansados de saber. Mas será que é só isso?

No eixo metodológico, é que surgem as principais diferenças entre os sujeitos entrevistados. Conseguimos perceber como os professores formados em educação física tendem a tratar o futebol em suas aulas. O professor A mostra as três realidades que vivem ultimamente em seu campo de trabalho, mostrando que como tem mais tempo de trabalho com os ditos “menores”, consegue fazer um melhor trabalho, dividindo a aula (entenda fracionando) em momentos técnicos, táticos (com mini-jogos) e jogo. Com a outra turma, por ter menos tempo para trabalhar, prioriza muito mais o jogo. Já no projeto, é tudo muito bem dividido com preparador físico atuando, além da divisão técnica, tática e jogo.

O professor B mostra que até os dez anos de idade a criança deve apenas jogar futebol em suas aulas, onde diversos dilemas como o nível técnico não são considerados e, sim, apenas o jogar. Dos onze aos treze anos o jogo já não é mais o enfoque da aula e, sim, as questões técnicas, como os fundamentos, por exemplo. Já o professor C tenta fragmentar o jogo, porém o mesmo é o principal objetivo das suas aulas. O professor D prioriza o jogo em suas aulas de diversas maneiras, fragmentando-os, apresentando situações problemas, às vezes ele se apresenta como um mero expectador para avaliar as percepções dos alunos, atuando com eles de forma ampla. Já o professor E acredita que o jogo não deve ser o objetivo principal das aulas, pois primeiramente devem aprender os fundamentos, para que em forma de merecimento, tenha o jogo.

É nítido notar neste breve e resumido relato da fala dos entrevistados suas diferenças em, agora, mediar o conteúdo futebol nas escolinhas. Assim foi perceptível que os professores graduados tendem a buscar em situações mais “pedagógicas” os conhecimentos para serem mediados aos alunos. Porém, penso que o professor A poderia organizar melhor o seu conteúdo. Pois nos mostra três situações distintas em que convive no seu dia-dia, totalmente diferentes uma das outras. Onde principalmente com os seus alunos ditos “menores”, ao explorar muito o lado técnico do esporte, dando como justificativa, ter mais tempo para trabalhar com eles (duas aulas semanais). Assim, com seus alunos maiores (uma aula semanal) prioriza o jogo por ter pouco tempo para trabalhar, ficando claro assim que

se a disponibilidade de tempo fosse maior, talvez fosse repetida a mesma metodologia da turma dos menores.

Concordo com o professor B quando diz que até os dez anos de idade a criança deva apenas jogar durante as aulas. Mas (tomara que esteja enganado) percebemos que esse jogar, resume-se a apenas jogar por jogar, onde pensamos que a participação do professor é essencial nesse momento.

Porém, da faixa etária de onze a treze anos que o objetivo já não é o jogar, o que nos vem a mente é uma concepção tecnicista. Sendo que isto também, se faz muito presente na fala do professor E, quando nos traz que para a criança o jogar não é importante, deve ser o último momento ou prioridade numa aula, devendo primeiramente priorizar o aspecto técnico.

Hoje em dia existe uma imensa discussão no que diz respeito às escolinhas de futebol, principalmente, as que são comandadas por ex-atletas de futebol. Onde são aplicados aos alunos elementos e métodos que viveram no seu dia-a-dia enquanto atletas, criando assim, estruturas “menores” para se adaptarem as crianças. Como conseqüências, voltaram àquelas falas da robotização dos alunos que apenas repetem o que lhes foi mostrado, e sua liberdade de simbolizar, fazer de conta, de brincar é deixada de lado, ocasionando uma grande dificuldade de desenvolvimento do raciocínio desses alunos.

Assim, a capacidade de explorar a adaptação durante as novas situações que se mostram durante o jogo, são deixadas de lado. O professor deveria atentar a esses momentos presentes durante a vivência do esporte, estimulando seus alunos a pensar o jogo, para que assim possam agir de maneiras diferentes aos problemas surgidos, sem esquecer-se do prazer que o esporte promove ao praticante, superando formas e métodos de ensino que persistem nas escolinhas atuais, tornando os alunos máquinas de repetirem movimentos.

Queria chamar a atenção às palavras do professor D (conforme anexo A). Onde é colocada a todo o momento aos alunos a importância do “outro” durante os jogos e suas aulas. Hipótese essa que podemos levantar por estas boas elaborações, pode ser o fato de este sujeito estar realizando neste momento uma pós-graduação com formação voltada aos jogos cooperativos, conseguindo assim

superar em suas aulas alguns conceitos e métodos de ensino. Então para Soler (2008) os jogos cooperativos são

um processo educativo baseado na cooperação e na resolução pacífica de conflitos, cujo propósito maior é unir as pessoas ao redor de um objetivo comum. A meta deve ser a superação de obstáculos e desafios externos ao grupo (Soler, 2008, p.19).

Através deste conceito e das situações levantadas pelo professor, conseguimos perceber que sua aula tem sempre um caráter mais cooperativo onde tenta motivar e desenvolver em seus alunos as habilidades físicas, afetivas, sociais e intelectuais, tendo como conseqüência a criatividade, uma maior socialização entre os alunos, abrindo mais canais de comunicação entre eles.

Para encerrar, conseguimos notar diferenças na forma de abordar o conteúdo futebol nas escolinhas de aprendizagem do esporte, principalmente as semelhanças na forma de tratar o esporte entre os professores graduados no curso de educação física e os ex-atletas. Penso que os professores formados ainda exercem um melhor trato com o futebol em comparação com os ex-atletas. Isso fica muito evidente, principalmente, na forma de lidar com os alunos. A academia (universidade) contribui muito neste aspecto, pois a interdisciplinaridade do curso facilita este processo. O que temos a lamentar é que os professores, em sua maioria, são reflexo do currículo ou da forma de abordar o futebol que tiveram enquanto acadêmicos, sendo que percebemos no professor A um foco muito mais voltado ao treinamento esportivo; segundo a sua entrevista, foi este o enfoque da disciplina na universidade.

O professor C é formado em bacharelado em educação física, e trouxe a importância dos aspectos técnicos que teve enquanto acadêmico para as suas aulas. Porém, ao começar a trabalhar em uma escola, sentiu a necessidade de cursar a licenciatura para (por incrível que pareça, apenas na licenciatura) aprender a lidar com os alunos de uma forma que não atrapalhe o seu processo de formação. Já o professor D teve que buscar numa pós-graduação e em outras disciplinas do curso, elementos que o fez pensar o jogo. Pois, enquanto acadêmico, a disciplina de

futebol nada acrescentou na sua formação enquanto professor, pois apenas reproduziu elementos que já estavam nas escolinhas há muito tempo.

Já os professores ex-atletas, creio que algumas diferenças entre eles podem nos fazer pensar alguns aspectos. O professor B tem uma vasta experiência ao longo de trinta anos de escolinha e, com isso, o seu modo de pensar este espaço veio mudando ao longo dos anos com sua prática. Acredito que ele está no caminho certo, onde conseguiu esquecer o tecnicismo nas faixas etárias menores. Porém, não é apenas priorizar o jogo nesta idade, e sim, saber quais os benefícios que esse momento pode trazer a essas crianças. Assim percebemos a falta que uma especialização ou formação universitária faz a este professor. O professor E, como um ex-atleta profissional, e há dois meses trabalhando em escolinhas, preocupa-se apenas em reproduzir o que viveu como jogador de futebol a seus alunos. O seu modo de pensar o jogo como a última prioridade durante uma aula para crianças (de cinco a doze anos) é totalmente ultrapassado. Porém, uma pergunta que nos deve vir a mente neste momento é a seguinte: Ambos os professores (B e E) falaram que fizeram o curso do CREF (Conselho Regional de Educação Física), tornando-se provisionados e aptos a trabalharem com escolinhas, mas qual é o papel do curso realizado no conselho para que os professores compreendam melhor este espaço da escolinha de futebol?

Para finalizar, é com grande tristeza que afirmo que nenhum professor, seja ele graduado ou não, citou alguma obra literária que tenha lhe inspirado ou motivado a dar suas aulas nas escolinhas de futebol. É uma pena que meios como a internet tenham prioridades para a consulta de métodos e atividades para serem aplicadas aos alunos.

7. Referências Bibliográficas

ADORNO, T.W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**, Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1997.

AFIF, A; BRANDÃO, M.R.F; AGRESTA, M.C. **Programa Interdisciplinar de Carreira no Futebol: um Exemplo de Aplicação**. In: Futebol, psicologia e a produção do conhecimento. Maria Regina Ferreira Brandão... [et al.]. São Paulo: Ed. Atheneu, 2008.

BAYER, Claude. **O ensino dos desportos colectivos**. Lisboa: Dinalivro, 1994.

COELHO NETO, P. **História do Fluminense**. 1952.

FLORENZANO, José P. **Afonso e Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro**. São Paulo: Musa, 1998

FREIRE, J. B. **A pedagogia do futebol**. Londrina: Midiograf, 1998.

GARGANTA, Júlio. ***Para una teoría de los Juegos Deportivos colectivos***. In: GRAÇA, A. e OLIVEIRA, J. (org.). O ensino dos jogos desportivos. 2ª ed. Porto: Universidade do Porto, 1995.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas: Alínea, 2007.

GRAÇA, Amandio e OLIVEIRA, José (Org.). **O ensino dos jogos desportivos**. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física-Universidade do Porto, 1995.

KUNZ, E. **O esporte enquanto fator determinante da Educação Física**. Contexto & Educação, v.15, 1989.

KUNZ, E. **Transformações didático-pedagógicas do esporte**. Ijuí:Unijuí, 1994.

KUNZ, E. **O esporte na perspectiva do rendimento**. In: GRUPO DE ESTUDOS AMPLIADOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA. Diretrizes curriculares para a educação física no ensino fundamental e na educação infantil da rede municipal de Florianópolis SC: registro da parceria NEPEF/UFSC-SME/Florianópolis, 1993 a1996/ Grupo de Estudos Ampliado de Educação Física. Florianópolis: o Grupo, 1996.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** Tradução: Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda; Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A.. **Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MEDINA, J. P. S. **Reflexões sobre a fragmentação do saber esportivo.** In: Educação física & esportes: perspectivas para o século XXI. Ademir Gebara [et al.]; Wagner Wey Moreira (org). Campinas, SP: Papyrus, 1992.

MESQUITA, I. **Voleibol – Abordagem específica.** In: Educação Física na Escola Primária (Vol. II – Iniciação desportiva): p.77-89. FCDEF-UP/Câmara Municipal do Porto.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo/Rio de Janeiro: HURCITEC/ABRASCO, 1992.

PINTO, R. N. **A Formação de Professores para a Educação Infantil: desafios para a universidade (Resenha).** Revista Pensar a Prática, Julho/Junho de 2000/2001.

SADI, R.S. **Pedagogia dos esportes: descobrindo novos caminhos.** 1ªed. São Paulo: Ícone, 2010.

SAYÃO, D.T. **Infância, Educação Física e Educação Infantil.** In: Prefeitura Municipal de Florianópolis, Secretaria Municipal de Educação, Departamento de Ensino, Divisão de Educação Infantil. *Síntese da Qualificação da Educação Infantil.* Florianópolis: PMF, 2000. p. 36-41.

SCAGLIA, A. J. **Escolas de esportes: uma questão pedagógica.** Campinas, SP., 1995. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação) – Faculdade de Educação Física, UNICAMP.

SCAGLIA, A. J. **Novas tendências em pedagogia do esporte: a abordagem tradicional.** Disponível em: <<http://www.universidadedofutebol.com/Jornal/Colunas/3,11171,NOVAS+TENDENCIAS+EM+PEDAGOGIA+DO+ESPORTE+A+ABORDAGEM+TRADICIONAL.aspx>>. Acesso em: 21 jun. 2010.

SILVA, M.R. **O corpo das crianças em movimento. Apontamentos provisórios sobre a cultura corporal na educação infantil.** Revista Múltiplas Leituras, v. 3, n. 1, p. 136-164, jan. jun. 2010

SOLER, R. **Brincando e aprendendo com os jogos cooperativos.** Rio de Janeiro: 2ªed. Sprint, 2008.

TAFFAREL, C.N.Z. **A formação do profissional da educação: o processo de trabalho e o trato com o conhecimento no curso de educação física.** Campinas, SP. 1993. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Estadual de Campinas.

TOBAR, F e YALOUR, Margot R. **Como fazer teses em saúde pública**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

TRIVIÑOS, A. N. **Bases teórico-metodológicas da pesquisa qualitativa nas Ciências Sociais** – Idéias gerais para a elaboração de um projeto de pesquisa. Porto Alegre: Ritter dos Reis, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro da entrevista

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS**

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1) Descreva como o Futebol vem surgindo na sua vida como atividade e profissão, mostrando aspectos positivos e negativos das suas experiências.

- a. Mostre elementos da sua vida como ex-atleta que ajudou a construir suas convicções.
- b. Mostre elementos da sua vida universitária que ajudou a construir suas convicções.
- c. O que é este espaço chamado escolinha de futebol.

2) Como você apresenta o Futebol para as crianças e jovens: Você fraciona o jogo ou ensina a jogar jogando.

- a. Como você media os seus conhecimentos, de forma ampliada ou restrita.
- b. Como foram se formando suas convicções metodológicas.

3) Descrever como são organizados os tempos das aulas.

- a. Dimensões da administração da aula
- b. Mediação da aula
- c. Como se lida com os dilemas (competição, presença dos adultos, diferenças de nível técnico).
- d. Como você descreve suas atribuições e/ou seu papel durante a aula.
- e. Quais os conhecimentos que você acha mais importante para ser um bom professor.
- f. Você acha que existe diferenças de níveis de ensino entre os jovens e crianças numa aula? Se sim, acha importante considerar? Como que considera?

ANEXOS

ANEXO A

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

PROFESSOR A. FORMADO UDESC. PÓS-GRADUAÇÃO EM TREINAMENTO 1999. JOGOU NA VARZEA.

1 – A educação física surgiu desde pequeno, pois antigamente existia o futebol de várzea, com primeiro e segundo time, onde na rua onde morava tinha um time chamado Amizade, onde o seu pai sempre levava-o para os jogos ajudando no time, onde quando maior chegou a jogou no segundo time, onde na escola gostava muito da educação física. Não perdia nenhum jogo do time da rua, e do Avaí. Isso fez com que o amor pelo esporte dure até hoje. Como profissão, o futebol surgiu primeiramente por ser o esporte praticado no país. Existem mais competições do que os outros esportes, onde o surgimento das escolinhas ajudou muito esse processo. Com isso montou uma equipe do esporte no colégio. Na faculdade despertou um pouco mais essa vontade de trabalhar com o esporte. Porém essa equipe tinha um caráter mais pedagógico e recreativo do que competitivo.

Experiências positivas e negativas

As experiências positivas que o futebol trouxe profissionalmente foram todas.

Decepção com time da escola e profissionalmente nunca teve. Onde o time que ele formou era modesto e buscava na motivação ir longe às competições.

As decepções aparecem apenas fora da profissão, com a seleção brasileira, por exemplo, com os times profissionais que torce, apenas.

1ª. Já gostava bastante do futebol, onde o professor na universidade foi um ex-atleta de futebol, com isso esse professor sempre contava aos alunos suas experiências no mundo do futebol, sendo que isso deixava a aula um pouco mais interessante, despertando novas idéias. Isso colocou muita vivencia pratica no processo de treinamento, as aulas se tornaram muito legais na faculdade. O enfoque foi mais voltado ao treinamento, pois a UDESC tinha um lado mais técnico no seu cotidiano de ensino aos universitários. Teve também o como ensinar o esporte, com todos os processos pedagógicos, porém o que mais chamou a atenção nas aulas

era o treinamento onde ficou evidente que a experiência que o professor passava aos alunos ganhava um pouco mais de destaque. Como ponto alto da formação voltada ao futebol pode-se destacar as vivências práticas apresentadas dentro da universidade pelo professor.

1c. Vê a escolinha do futebol em dois eixos.

- aquela que é feita após o turno escolar, onde se não tiver um bom profissional ela se torna apenas um depósito de aluno, pois com isso o pai ganha uma hora a mais para sair do trabalho, deixando a criança na escolinha. Mais se tiver um professor que foque o trabalho, com uma boa metodologia, onde tem objetivo de ensinar o futebol as crianças, pode ter um grande valor esse momento.

- Outra escolinha, são as realizadas no horário oposto ao turno escolar, pode até ser ruim, como algumas são, onde o professor apenas dá a bola para os alunos jogarem, mais se ele tem realmente o objetivo de ensinar o futebol mostrando como conduzir a bola, chute, passe, esquemas ofensivos e defensivos, com toda a metodologia do futebol, vale a pena.

Na opinião do entrevistado a que mais vale a pena ou aceitável depende da idade da criança, onde de cinco e seis anos não pode ensinar as crianças esquemas táticos e coisas mais complexas, e sim realizar jogo, é isso que elas querem e por isso entram na escolinha, onde se percebe também a dificuldade de achar um goleiro, a não ser que o pai seja e influencie a criança. Agora de treze anos pra cima já se pode variar um pouco a forma de ensinar o esporte, apresentando aspectos mais técnicos do futebol e noções de esquemas táticos entre outros, aumentando assim um pouco mais a complexidade.

Ele pensa que a presença do pai na escolinha para participar, ajudando o professor, não importando se o filho sai jogando ou não seria o ideal, porém já teve casos onde um pai de um aluno que não tinha tanta habilidade ficava pressionando para o filho entrar dizendo que chutava bem, entre outras coisas, mais se preocupando apenas com o próprio filho, sem saber do contexto. Também tem aqueles pais que pressionavam para tirar certo garoto, onde com sua experiência ele pode dizer que muitos pais mais atrapalham do que ajudam. Ele é um que é

chato com o filho, tentando sempre orientá-lo, passando as vezes por cima do professor.

2. Tem duas turmas que variam de 10 a 17 anos.

Nos mais novos tem duas aulas semanais, trabalhando todos os fundamentos previamente planejados e num segundo momento é realizado o jogo, mais não um jogo por jogar, nesse jogo ele tenta atentar aos alunos a questão do posicionamento com funções táticas, movimentações e regras do jogo.

Nos mais velhos, tem apenas uma aula por semana com um número maior de alunos, onde os alunos já aparecem sabendo jogar, e durante o jogo aplica as regras, mostra as opções, dando um enfoque um pouco mais recreativo, onde crie o hábito que o aluno “bata uma bolinha” toda semana, que intensifique o hábito de fazer uma atividade física nem que seja apenas uma vez por semana.

Como meu colega de projeto, onde trabalhamos com um time que disputa competições internacionais de futebol, neste projeto é diferente, com um preparador físico, e na parte técnica procura determinar e evidenciar as valências técnicas de cada posição onde o lateral faz cruzamentos, meia cria, atacante fazendo os gols, porém todos passam por um processo para determinar as posições e durante o coletivo são apresentadas diversas situações, correção de posicionamento, criação de jogadas, etc...

2ª. A passagem do conhecimento vem das duas maneiras, onde com os menores repassa os conteúdos de uma forma mais restrita, onde mostra como se passa, chuta, movimentação, conduz. Já com os maiores é de uma forma mais ampla onde, por exemplo, o aluno faz um gol porém tinha um colega melhor posicionado e teoricamente teria mais facilidade para fazer esse mesmo gol, então mostra a todos os alunos que talvez seria uma melhor opção se o colega tivesse tocado a bola para o outro colega que estava melhor posicionado para fazer o gol, onde assim todos teriam o acesso aquela mesma informação. Já no projeto, onde o caráter é mais competitivo, se o atleta fizer algo que ele achou errado, o treino é interrompido e será mostrado o que seria o certo naquela situação, onde todos teriam acesso a essa informação, visando assim um rendimento melhor, comparado com as escolinhas.

2b. Todas essas convicções e metodologias aplicadas por ele em suas aulas e treinos vieram se formando enquanto acadêmico do curso de educação física, com trocas de experiências, adequando a realidade e pesquisas. Pesquisa em vídeos no youtube com exercícios visando uma melhor aptidão dos fundamentos. Ressalta um destaque a internet onde é disponibilizado um vasto material para auxílio. Fez alguns cursos enquanto acadêmico do curso, porém acha meio utópico, pois existem diversas realidades de ensino, onde podem existir lugares com muitos alunos e pouco material por exemplo. Porém mesmo assim os cursos ajudaram bastante, principalmente a pós-graduação voltada ao treinamento esportivo, onde o futebol técnico e as movimentações foram bastante enfatizados.

3. Na sua realidade tem 3 vertentes.

No projeto tem duas horas e meia de treino. Com 40 minutos de físico, técnica 30 minutos e o tempo que sobra é o jogo (coletivo). Porém cada treino tem um enfoque diferente na parte técnica, onde foi observado, por exemplo, que no treino anterior o lateral era batido de forma errada, assim no treino seguinte esse será um tópico bastante enfatizado, além do seu prosseguimento na jogada. Na parte tática são situações que aparecem durante o jogo e que merecem ser destacadas e explicitadas a todos. Já em sua escola, com os maiores, já que o tempo é curto e o objetivo principal é proporcionar um período de atividade física aos alunos, as aulas começam com um aquecimento e em seguida é jogo. Com os menores ele consegue desenvolver um trabalho mais legal. Como são duas aulas por semana, uma aula será apenas um aquecimento e jogo, com mini jogos e zonas. Na outra aula junta sempre três fundamentos após os aquecimentos, para priorizar em suas aulas, onde os mini-jogos não são esquecidos. As situações de jogo são o ponto alto em suas aulas, ele consegue perceber isso nos alunos, onde conclusão a gol e situações de dois contra um e três contra um, por exemplo, são sempre comemoradas pelos alunos quando proposta por ele. A importância de mostrar essas situações é adequar os alunos a mostrar as realidades do que pode acontecer durante uma partida. Esses mini-jogos são sempre presentes.

3b. O papel dele durante as aulas é que o pouco que ele sabe procura sempre passar para os alunos. Sempre mostrando, por exemplo, a importância do aquecimento, dando orientações, fundamentos, a postura do corpo para executar

um determinado movimento. Acha importante essa mediação por parte do professor, mostrando ao aluno o que ele deve fazer naquele momento. Sendo que isso é o mínimo que um professor deve fazer, que é ensinar o aluno. Lógico que tem alguns alunos, por exemplo, que são melhores que os outros. Porém a maioria tá no senso comum, onde se deve sempre atentar para aqueles que estão numa “média” e os que também estão abaixo da “média”.

3c. É bastante complicado isso. Principalmente a questão do nível técnico, isso pode tirar a motivação por parte dos alunos. Onde ele já disputou um campeonato onde era de um nível técnico forte, porém o seu time era um pouco fraco. Então tentou priorizar outros aspectos como o defensivo, por exemplo, para suprir um pouco a falta da técnica. Já a presença dos adultos é complicada, onde ele repassa aos alunos a importância de estar focado no jogo e esquecer a presença dos pais no lado de fora, dizendo o que eles tinham que fazer durante o jogo tirando todo o foco de quem está fora. Porém esses dilemas estão sempre presentes nas aulas e nos campeonatos também.

3e. O professor primeiro tem que ter a formação profissional, pois ele na universidade deveria aprender não só o futebol e os esportes especificamente, mais também condicionamento físico, psicologia, pedagogia, fisiologia, tendo assim uma formação mais completa, sabendo trabalhar todas as áreas. Acha que um ex-jogador tem um conhecimento técnico, em algumas ocasiões, melhor que o professor formado, sendo que se fosse um ex-atleta formado em educação física, seria um excelente profissional para trabalhar em escolinhas, pois ele poderia trazer consigo toda as experiências que teve ao longo de sua vida, junto com a formação universitária (tendo assim a técnica junto com a teoria). Porém novamente enfatiza a importância de um profissional formado na área. A vantagem do professor formado são as áreas do conhecimento que o professor tem isso gera também uma vantagem e confiança dos pais dos alunos, pois seus filhos estão sob a responsabilidade de uma pessoa formada exclusivamente para lidar com aquela situação. Onde no seu tempo de faculdade teve aulas de primeiros socorros, por exemplo, onde aprendeu a lidar com diversos problemas que possam vir a acontecer nas aulas.

3f. Sim. Pois nenhuma pessoa é igual a outra e o professor tem um papel importante, e deve se considerar isso, pois não é possível trabalhar com todos de uma maneira igual, onde deve dar mais atenção aos alunos com dificuldades para que um dia ele chegue ao nível dos outros alunos ditos “melhores”, não prejudicando assim o time em um amistoso ou campeonato, onde ele crê que motivar o aluno é uma boa saída para que assim ele não desanime. Um exemplo, ele tinha um menino no projeto onde não conseguia correr para trás, onde foi passada ao aluno uma série de exercícios um pouco mais simples juntamente com muita conversar entre professor e aluno, chegando ao ponto que repetiu em aulas posteriores o mesmo exercício inicial que ele não conseguia fazer, e realizou sem nenhuma dificuldade. Portanto, tem que trabalhar com os alunos com dificuldade de uma maneira que ele sempre se sinta inserido dentro das atividades, onde situações em que se altera uma série de exercícios para que este aluno lá na frente consiga realizar, juntamente com boas conversas e motivação, é uma boa saída.

É difícil que os outros alunos aceitem os ditos “ruins” em seus times. E essa situação precisa ser considerada pelo professor, pois é normal em turmas de futebol os alunos com mais facilidade no esporte e outros com menos. Deve-se então tentar elogiar estes alunos nos seus acertos e fazer com que os outros alunos também façam isso. Não adianta um aluno com mais facilidade ficar criticando negativamente aquele aluno que errou algo durante o jogo. Onde ele vai ficar mais chateado ainda e pode continuar assim errando. Com isso o papel do professor seria valorizar os acertos, elogiar e minimizar o erro, onde deve ser verbalizada a atitude que o aluno teve, porém mostrando outras situações para que ele acerte na próxima vez.

Quando perguntado como lida com as alegrias e decepções no futebol nas aulas, é complicado, pois principalmente com os maiores isso é mais evidente e ele procura sempre exaltar todas as suas atitudes principalmente com os pontos positivos realizados, mostrando que no outro lado também tem outro time. Procurar mostrar também o porquê dos erros que foram apresentados, mostrando assim os erros e também exaltar todos os acertos e situações interessantes que apareceram durante os jogos. Sendo essa relação muito importante se for focada nas aulas. É **IMPORTANTE** os aprendizes conviverem com essas situações que o jogo apresenta

O futebol para as crianças, mais todo o esporte para a criança é válido, trás disciplina, tira do mau caminho, trás alegrias e decepções, onde a criança tem que viver dentro do esporte. A grande vantagem na vida da criança, trás a disciplina, o caráter educacional que deve estar junto com o esporte.

Desejou boa sorte nesse trabalho, a idéia é boa e deve com certeza ir para as revistas científicas para mostrar a importância das escolinhas para as crianças e também a importância de ter um bom professor conduzindo essas aulas.

PROFESSOR B. FUNCIONÁRIO PÚBLICO. APROVISIONADO DO CREF. JOGOU CATEGORIA DE BASE DO AVAI F.C E CLUBE AMADOR.

1. Era garoto de um bairro pobre e tinha o futebol como lazer, isso foi prendendo a atenção de todos que jogavam juntos onde o sonho deles primeiramente era um dia poderem jogar no clube do bairro onde na sua geração alguns, inclusive ele, conseguiram chegar nesse ponto. A idéia de ensinar o futebol nas escolinhas, veio quando ele se firmou como titular do clube amador do bairro com 19 anos, vendo assim a necessidade de alguém ensinar as crianças, pois quando tinha a idade delas, ninguém fez isso com eles. E ai seria interessante passar um pouco do que vinha aprendendo jogando o futebol amador pelo clube as crianças. E assim foi pegando gosto por aquilo.

Experiências positivas e negativas

A maior decepção que teve foi como jogador, onde ele perdeu junto com o time uma invencibilidade de 50 jogos, onde uma geração anterior a dele chegou à marca de mais de 100 partidas invictas, e ele junto com seus colegas buscavam superar essa marca, o que não foi possível, causando assim uma decepção dele, dos outros jogadores e de toda a comunidade. A positiva foi quando (como parte da diretoria do clube) conseguiram colocar o clube para disputar o campeonato amador da cidade onde assim todos os moradores do bairro podiam assistir a boas partidas e receber times de outras localidades. Isso tudo como jogador. Já na escolinha o ponto mais positivo são o carinho e a amizade que as crianças juntamente com ele criaram um com o outro, isso é o ponto mais positivo que a escolinha proporcionou para ele. Sendo que não existem pontos negativos.

1b. A maior lembrança que ele tem como ex-jogador e que procura passar para os alunos foi um bronca que ele ganhou de um jogador de seu time (que ao mesmo tempo em que jogava no clube do bairro também jogava pelo Figueirense, sendo uma pessoa muito respeitada até os dias de hoje no bairro), onde ele errou um passe e como consequência quase saiu o gol do time adversário. Isso mostra que com suas experiências que teve com ex-jogador e situações que viveu e que ainda hoje muitos garotos podem viver, ele apresenta a eles.

1c. Ele para pra ver qualquer aula de futebol em escolinhas. Pois além de ser um espaço onde as crianças estão praticando um esporte, tirando de períodos ociosos, fazendo algumas besteiras. A escolinha também deve entrar com o papel de formação da criança como cidadão.

2. Quando são crianças com até nove anos, tem caráter recreativo, aonde os meninos vão se familiarizando com o esporte, criando intimidade com a bola, além da diversão. De nove a treze anos é trabalhado e focado a questão do aprimoramento dos fundamentos, passe o domínio, cabeceio, chute. Já com 14 anos pra cima, gosta de trabalhar muito com bola, campo reduzido para melhorar o raciocínio, dois toques para melhorar a movimentação. As situações problema são enfatizadas em problemas que possa aparecer no jogo. Por isso de trabalhar tanto com a bola, inclusive até o aquecimento do time é realizado com a presença dela. Situações que foram dadas como exemplo e que é muito trabalhada nos seus treinos é a superioridade numérica, onde com isso ele espera que seus alunos saibam de que modo agir em situações em que estão com alguns jogadores a mais e/ou a menos. Acha muito importante trabalhar com essas situações, e também que ele como professor deles saiba, identificar e mostrar a todos a importância de todas essas relações citadas.

2b. Trouxe essas concepções todas da época que era ex-jogador, era muito exigente enquanto jogador consigo mesmo e com seus companheiros, e hoje mostra a mesma característica nos seus treinamentos, principalmente na importância da posse de bola que o time deve ter, além da marcação.

3. Das duas horas dos treinos, geralmente dez minutos são destinados para uma conversa. Conversa essa que pode ser do ultimo jogo realizado pela equipe, mostrando os erros e acertos e planejamento do treino em questão. Em

seguida vinte minutos de alongamentos e aquecimentos (em geral alongamentos básicos e corrida), trinta minutos de trabalho técnico, onde havendo necessidade pode ser prolongado esse tempo, e uma hora mais ou menos de coletivo (jogo), onde ele prioriza muito esse tempo durante os treinos onde com isso ele pode corrigir alguns erros, parar quando acontecerem jogadas ou atitudes que não foram corretas na sua visão. Essa descrição é voltada mais para equipes de quatorze anos para cima. Com os menores dessa faixa etária, de nove a treze anos por exemplo, também acontece um bate papo, porém com uma outra temática, como o desempenho escolar, onde os boletins com suas notas são cobrados e obrigatoriamente mostrado aos professores, e na seqüência fazem aquecimento, uma parte técnica (prioritariamente) e as vezes não tem jogo. Com os menores de nove anos também acontece à conversa inicial mais o foco tem que ser o jogo no aspecto mais recreativo. Essas conversas iniciais foram bastante enfatizadas e ditas importantes pelo professor, e foi descrita como um momento em que ali é cobrado o desempenho escolar, os perigos das más influências, entre outros assuntos, além é claro do futebol. O professor define esse momento como um papo de amigo. Com esses papos, principalmente com as crianças até treze anos, ele sai de todas as aulas aprendendo alguma coisa nova ensinada pelos alunos, trazendo assim uma emoção muito forte por parte dele como professor.

3b e d. Até os treze anos todos os professores devem ter vivenciado o esporte, para mostrar como os meninos durante o jogo têm que bater na bola, por exemplo, sendo que se o professor não tiver jogado bola, talvez não consiga passar ao aluno de uma maneira “correta” o fundamento. Com os maiores, a liderança que o professor exerce deve ser passada aos alunos para que assim eles busquem em si mesmos esse exemplo. Ele vê o seu papel como professor sendo a sua dedicação no seu trabalho em pró do grupo, porém se acha muito enérgico com os alunos, principalmente com os erros dos garotos em coisas simples, resultando num nervosismo por parte deles e assim pode ocorrer esses erros com freqüência.

3c. Antes de responder a esta questão, o professor deixou claro que na categoria até treze anos todos são tratados da mesma maneira enquanto alunos, e que o nível de cada um não interfere em nada o enfoque da aula. Sempre faz questão (com os alunos de quatorze anos para cima) de falar para todos do que seria de um armador se não fosse um marcador. Cada jogador tem uma

característica e níveis de aprendizado e habilidades diferentes, cabe ao treinador sugar ao máximo as qualidades do seu jogador. A competição também foi tocada pelo professor, onde ele lida de uma maneira que o início dos treinos começa em março para a disputa do campeonato municipal em meados de Junho. Onde desde o início dos trabalhos os jogadores já estão sentindo a competição durante os treinos, estando preparados para aquilo que irão enfrentar. Onde em alguns treinos a competição é passada a eles em diversas situações, onde, por exemplo, ele divide o campo em quatro mini-campos, disputando uma mini competição interna entre eles nesses mini campos. A presença dos pais também foi enfatizada e respondida da seguinte maneira, onde na opinião do professor tem aspectos negativos, como o chamado “pai treinador” onde ele se preocupa apenas com o filho dele, não sabendo o que foi passado pelo treinador no vestiário para o menino, prejudicando assim o seu futebol durante o jogo e do time também. Porém tem aquele pai que vai exclusivamente para apoiar o time do filho e ajudar no que é preciso.

3e. Ele pensa que o professor tinha que ter jogado futebol, porém a formação também é importante, pois trás conhecimentos de áreas teóricas e técnicas, além de noções de como ser um treinador. Isso ele nunca teve por não ser formado na área, enfatizando que na maioria das vezes o professor formado tem mais qualidade do que os não formados. Mais é mostrado novamente à importância de ter vivenciado o esporte e que se um professor formado em educação física e que tenha vivencia a fundo o futebol, será um profissional muito mais destacado do que qualquer outro. Sendo que se ele fosse criança gostaria muito de ser treinado por um professor que jogou futebol.

3f. Sim. É importante considerar dependendo da faixa etária. Num sub-15 e sub-17 ele bota os jogadores com mais qualidades, os ditos armadores, a trabalharem juntos e aqueles com um nível técnico mais baixo a também ficar um com o outro, fazendo outro tipo de trabalho que priorize o que ele apresenta como melhor qualidade. Com os alunos abaixo dos 13 anos, esses níveis não são considerados, onde os professores até percebem quando um menino tem mais habilidade que o outro, mais deixa todos os meninos bem “soltos”. Onde discriminação e falta de respeito com esses alunos que tem pouca qualidade não são tolerados por parte dos professores.

No final o professor agradece e muito o espaço que a universidade na pessoa do acadêmico dá ao professor que não tem a formação em educação física mais que trabalha com o esporte em poder falar e expor suas idéias em entrevistas e trabalhos científicos, e se mostrou sempre a disposição para futuros trabalhos que possam precisar de suas contribuições.

PROFESSOR C, FORMADO PELA UNISUL, CURSO DE TREINADORES DA MALWEE.

1. Tem uma vida no futebol desde os nove anos de idade na cidade em que mora em Biguaçu. A partir dos doze anos começou a jogar o futsal na escola. Desde então jogou em escolinhas, moleque bom de bola, joguinhos abertos, entre outros. Como profissão surgiu há quatro anos quando um professor o convidou para trabalhar com escolinhas, onde junto com outros professores desenvolve um trabalho para a disputa de torneios nacionais e internacionais.

Experiências positivas como jogador trouxe a facilidade de relacionamento com as pessoas e o espírito de equipe. No lado negativo é o saber trabalhar a perda com a criança nas aulas. Pois hoje vivemos num mundo muito competitivo e desde pequeno as crianças não estão acostumadas a lidar com a derrota. Sendo que é muito difícil para ele trabalhar o tema derrota com suas crianças.

1ª. A formação universitária ajudou muito. Pois como fez um curso voltado para o bacharel, só ajudou na realidade, dando elementos o suficiente para integrá-los na hora da prática. Claro que a experiência de ter jogado e vivenciado por muitos anos o esporte ajudou muito, mais elementos de outras disciplinas na universidade também teve uma boa contribuição, como a psicologia e a pedagogia do esporte, além das disciplinas de gestão e gerenciamento de pessoas, onde conseguiu ter um leque maior para entender os alunos. Quando perguntado se a disciplina foi mais instrumental ou ensinou realmente a ensinar, mostrou que foi instrumental mais voltado a prática e também teórico com métodos de como ensinar o futebol.

1c. A escolinha é um momento de descontração e aprendizado muito importante na formação da criança-aluno ou da criança- atleta. Foi perguntado o que significa esses dois termos que foi citado. Criança-aluno é a criança que tem como

objetivo apenas a atividade física como meio de integração, socialização, respeito, entre outros fatores. Já a criança-atleta são os deslumbramentos da possibilidade de uma carreira sólida no esporte. Na escolinha essa diferença está muito mais evidente no sonho da criança em ser um aluno-atleta, porém no professor está à sabedoria em saber diferenciar a criança-aluno da criança-atleta. Não é possível integrar os dois tipos, pois o tempo, o perfil e a forma de abordar o treinamento são diferentes, pois quando falamos em treinamento (criança-atleta) falamos de volume e intensidade, e quando falamos de escolinhas (criança-aluno) abordamos volume, repetição, descontração, sem um foco em resultados urgentes.

2. Tenta sempre fracionar o jogo, porém o jogo é o mais importante na escolinha. Sempre no dia da escolinha tem jogo mais é fracionado, sempre dividindo com um aquecimento (brincadeiras), seguindo depois com habilidades individuais que favorecerão o jogo. O que difere entre as idades são a intensidade e a cobrança em relação aos níveis das crianças. Onde através da observação dos níveis delas é que ele consegue planejar as suas aulas.

2ª. Como a aula é fracionada, sempre explica aos alunos o que será feito no dia, após sempre está estimulando de forma oral e clara para que todos tenham acesso aquela informação, a própria correção individual e coletiva se for necessária. E após o jogo é novamente realizada uma conversa onde o professor mostra aos alunos aspectos do jogo, se os objetivos foram alcançados, se os alunos entenderam ou tiveram dificuldades nas atividades propostas e o principal, se gostaram, essa é a principal preocupação.

2b. Essas convicções surgiram através dos livros, quando ele começou a procurar livros de iniciação esportiva, atividades escolares, entre outros temas, muitos falam desta maneira, onde foi mostrado na literatura o que ele já estava vendo na prática com suas observações em aulas de outros professores, em competições, em formas de abordagens. A universidade não trouxe essa experiência em formas de abordagem e sim mostrou o que os livros vêm trazendo aos estudantes, saber diferenciar as escolinhas, a faixa etária que pode se cobrar mais ou menos dos nossos alunos. O que mais dá subsídios e bagagem para ele é a experiência no seu cotidiano de trabalho, para aprimorar o que não está bom e manter o que está.

3. É um professor que gosta muito de conversar e ouvir os seus alunos. Desta maneira a aula sempre começa com um bate papo. Em seguida é realizada uma brincadeira em forma de aquecimento já com a presença da bola, gerando em torno de 10 minutos. Em seguida começa uma parte individual com trabalhos técnicos e táticos onde trabalha as habilidades individuais do futebol e fundamentos coletivos (25 minutos). Dando continuidade vem um jogo com no mínimo de 20 minutos de duração. Os alunos aceitam bem esta metodologia, pois eles já vêm para a escolinha sabendo que vão jogar, onde permite ao professor negociar com os alunos, pois quanto melhor realizarem as partes organizacionais, disciplinares, individuais, maior será o tempo de jogo. Mais o que é o jogo? O jogo é o jogo, é um time contra o outro, é a ação do que o futebol representa na sociedade, é o gol, a falta, conseguindo trabalhar os dilemas do futebol nele próprio, explicando as faltas, por exemplo, e também a importância do adversário. Percebe o jogo muito positivo por um lado, sendo a parte do desafio do aluno, a busca do resultado. Porém tem um lado negativo onde às crianças sempre enxergam que em todas às vezes haverá um perdedor, e é isso que ele procura trabalhar em suas aulas. Mostrando que para haver o jogo precisa ter duas equipes e isso deve ser trabalhado intervindo na hora do dilema, não deixando passar em branco. Aconteceu um problema, deve parar o jogo, orientar e explicar o ocorrido.

3b. Um mediador das atividades. Com um professor responsável cabe a ele manter, organizar, executar todas e quaisquer ações da escolinha do dia, sendo sua função mediar e intervir de uma maneira muito consciente em pró do grupo. Ele acredita que um professor formado vai ter um nível de conhecimento teórico mais elevado, pois passou por uma série de atividades multidisciplinares e interdisciplinares, mais não podemos deixar de registrar que um profissional não formado, que passou por experiências durante muitos anos, deve também ter considerada a sua importância. Cabe aos profissionais não pararem no tempo. É claro que o aprimoramento e o conhecimento têm que ser contínuo e aí o profissional de educação física tá na frente, pois passou por quatro anos de estudos e pelo menos esse tempo tem que estar na frente do profissional não formado.

3e. O primeiro conhecimento que o professor tem que dominar é do conteúdo que ele vai ministrar, sendo esse o ponto mais importante. Onde a parte técnica deve ser uma competência básica que o professor tem que saber. Outras

questões como o relacionamento com os alunos em diversas relações, na hora de chamar a atenção, na forma de falar e explicar, no carisma do professor, a postura ética dos professores. O professor enfatizou a preocupação ele tem quanto à forma de expressar de alguns professores, onde viu uma linguagem mais de “rua” tomando espaço nas aulas por parte do próprio profissional, pois pelo futebol ser tão popular alguns estão se preocupando em passar muito a malandragem aos alunos. Deve-se preocupar com o outro lado, onde devemos nos colocar no lugar do outro para procurar entender o que ele está sentindo. Esse é o grande papel do professor na escolinha. O comprometimento é um conhecimento importante. Pois quando se está comprometido com a causa, motivado a fazer o que gosta, basta que se tenha disciplina para o sucesso.

O profissional de educação física e o professor da escolinha é uma referência para os alunos, se tem uma atividade aonde os alunos chegam entusiasmados contando em casa, é a escolinha de futebol. Ele acha que o professor tem que tratar de outros assuntos que irão ajudar na escolinha e também na vida das crianças, como a alimentação, a higiene pessoal, respeito em casa, a importância de estudar. Sendo ele um professor, e esporte é isso que foi citado, que consegue tocar no aluno para que ele se motive a mudar.

3d. Vê-se como um professor extremamente participativo, tentando a todo tempo estar preocupado com todo o grupo, em trabalhar situações de valores, auto-estima, justo, e também quer aprender muito, onde sabe de suas limitações. Não larga de maneira nenhuma as crianças, sempre presente no que tá acontecendo.

3c. Os dilemas são sempre resolvidos no final ou dependendo do tamanho, na própria aula. Por exemplo, após um time sofrer o gol a outra equipe começa a rir dos amigos imediatamente isso tem que ser retomado, pois o gol é um momento mágico dentro do futebol e deve sim ser comemorado como qualquer vitória, mais é preciso que os alunos entendam que para um time fazer o gol, precisa que outro time esteja jogando contra. A importância do outro nesse momento é tão importante quanto à do próprio time. Tentar sempre que eles se coloquem no lugar do outro, usando uma frase adaptada, “faça com ele aquilo que você gostaria que fizesse contigo”. Quando se parte desse princípio os dilemas ficam mais fáceis de serem tratados.

A competição é um caso bem a parte, pois a criança reflete exatamente o que tem em casa. Pois o pai quer que o filho seja o melhor de todos, que sempre faça os gols, jogando o tempo todo. E o filho do outro pai? Que também paga a escolinha, vivencia o mesmo tempo, mora no mesmo bairro e que não tem o mesmo nível técnico? Esse aluno também precisa ser prestigiado. Dentro das proporções é preciso que todos tenham o mesmo direito, e dentro da escolinha cabe ao professor estimular que o aluno que sabe menos se estimule a aprender, com esforço e comprometimento para que ele consiga um resultado na hora do jogo, medindo e cuidando das faixas etárias.

Particularmente ele não se incomoda com a presença dos pais. Tem duas situações, onde tem crianças que os pais nada interferem com sua presença, pelo contrário até é um estímulo a mais para ela. Porém tem casos que são negativos, pelo fato de a criança perder a referencia no professor, saindo no meio da aula com o pai sem avisar, por exemplo, onde isso deve ser trabalhado e conversado, pois nem sempre o pai entende a importância do filho dentro da quadra. Ele vem lidando sempre na medida do possível conversando com os pais para que interfira o mínimo possível na aula que está sobre responsabilidade do professor.

3f. Sim. Deve ser considerado nas aulas. Quando se fala em nível técnico é muito normal para os professores. Por isso também que se passa quatro anos estudando para aqueles que saibam menos comecem a melhorar e aqueles que já dominam a prática continuem sendo lapidados, formando assim um agregado entre os alunos que sabem mais e menos. Sendo isso evidente para o professor e não para os alunos. Tem idades que os alunos se percebem muito fácil. A percepção da criança hoje é muito mais aguda, elas se percebem muito mais. O papel do professor é fazer com que as crianças trabalhem juntas, que se tocar a bola para o colega e ele conseguir aprender tanto quanto o outro, quem vai ganhar com isso é o grupo, entrando assim na importância dos jogos cooperativos. É papel do professor então não deixar de lado quem sabe menos e não exaltar os que sabem mais, sendo isso uma tarefa árdua, onde essas diferenças às vezes são gritantes cabendo ao professor entender e observar o mais rápido possível para mediar esse grupo e que não vire “chacota” de ninguém. Quando falamos de outros fatores, que também devem ser considerados, como o bullying por exemplo, pais que se separam e as

crianças passam por maus momentos e que precisam da escolinha pra extravasar, botar os sentimentos pra fora.

PROFESSOR D, FORMADO PELA UFSC, FAZ PÓS-GRADUAÇÃO EM JOGOS COOPERATIVOS

1. O futebol surgiu pra ele como esporte, pois sempre praticou a modalidade e sempre buscou entender ela um pouco mais. Não só ele específico mais os esportes no geral. Com isso buscou esses entendimentos e compreensão, resolvendo assim fazer o curso de educação física. Mesmo tendo bastante prática, resolveu não ir tão a fundo aos estudos do esporte, pois seu desejo é de trabalhar exclusivamente com educação física curricular. Apesar de estar trabalhando também em uma escolinha.

1ª. Na universidade teve uma aula feita pelo professor mais voltada aos fundamentos. Porém o tema escolinha não foi enfatizado, mais os aspectos técnicos apresentados já eram de conhecimento do professor por sua vivência prática anterior a universidade. A disciplina deu uma base grande para preparar o que tu já sabe, onde não foi repassado leituras para auxiliar. Onde o semestre inteiro na disciplina o professor formou duplas e cada dupla ministrava uma aula para os outros acadêmicos, mais a partir do que já sabiam, do que as atividades que deveriam ser apresentadas pelo professor da disciplina ou pela literatura. Não se lembra de ter vivido algo que chamasse a sua atenção, com noções pedagógicas, por exemplo.

1c. Um espaço de uma união extra-sala de aula, para a formação de grupo, estando com os amigos, onde se pode jogar futebol e aprender o esporte em si. No lugar onde trabalha não tem uma escolinha estruturada por muito tempo, sem um grupo homogêneo, com alunos de diferentes faixas etárias. Na escolinha acha importante mostrar noções técnicas e táticas, apresentando novas formas de organização, onde os alunos participam da construção dessa organização.

Para o professor a escolinha é uma aula extra com o objetivo de ensinar o futebol, onde as percepções do grupo são trabalhadas nas aulas.

2. Sempre gostou mais de trabalhar o jogo. Onde dentro do jogo tenta fracionar. Realiza atividades em grupo, em necessidades que os próprios alunos

percebem. Não quer que entenda que como é muito jogo a sua aula, é apenas jogar por jogar. Sempre está intervindo durante o jogo. Os mini-jogos aparecem desde o começo da sua aula até o final, em forma de aquecimento, parte principal e volta à calma.

2ª. Sempre mostra aos alunos o que para ele seria uma forma correta de lidar com aquela situação. Mais também abre espaço para que os alunos mostrem o seu ponto de vista. Citou um exemplo de quando mostrou certo posicionamento viu uma rejeição por parte dos alunos e quando vivenciou na prática um time jogando de uma maneira semelhante ao que o professor mostrou, os alunos mostraram-se mais interessados e buscaram com o professor mais informações para jogarem daquela maneira. Portanto, procura sempre apresentar a todos as idéias e de acordo com as necessidades que os próprios alunos apresentam, esse conteúdo é enfatizado.

2b. Logo que saiu da universidade, comprou um livro que estava um pouco de acordo com o que ele já tinha vivenciado. Viu que em pouco tempo não valia a pena se basear apenas em uma coisa. Então o livro juntamente com suas experiências anteriores no esporte, além do perfil da turma em que iria trabalhar, ajuda a formar constantemente a sua forma de compreender e de como ensinar o esporte. A universidade até ajudou a construir uma convicção, mais apenas mostrou e confirmou aquilo que ele já esperava ou já tinha visto em experiências ao longo da vida.

3. Sempre procura conversar no início, com informações, assuntos que aconteceram em momentos anteriores nas aulas. Em seguida tem início a parte de alongamento e aquecimento. Tem dias em que enfatiza bastante o fundamento terminando com um jogo, e também em outras aulas o jogo é priorizado. Para o professor o jogo é se basear nas regras, aplicando-as. A partir disso o professor começa a intervir lançando novas regras, como por exemplo, apenas dois toques na bola, gol só de cabeça... A importância do jogo é colocar em prática o que foi explicado anteriormente pelo professor e dentro do jogo consegue perceber a importância dos alunos durante todas as outras atividades praticadas foram absorvidas pelos alunos.

3b. Depende do dia. Algumas aulas o professor busca parar mais os jogos ou exercícios para corrigir os alunos, alterando alguns elementos e mostrando

situações que merecem destaque aos alunos. Em outras aulas é um mero espectador, observando como que os alunos estão jogando e absorvendo o que vem sendo ensinado, a organização dos alunos, pois percebe a autonomia das crianças para que se enxerguem dentro do jogo, tendo as percepções do que fazer naquele momento, para que no final da aula tudo o que foi visto pelo professor seja exposto para o grande grupo, para que se inicie uma discussão.

3c. Esses dilemas são a todo o momento considerado da escolinha. A sua turma já sabe e compreende que o foco da escolinha não é a competição, onde procura mostrar a todos os valores cooperativos que o esporte pode nos trazer enquanto praticantes. A questão competitiva é tratada onde que para haver competição se faz necessária a presença do outro sendo que com isso ele acredita que poderá se oportunizar o jogo. A presença dos pais é quase que nula, onde durante as aulas e nos jogos são bem poucos os que aparecem. Sendo que esses pais que acompanham os filhos nos jogos e competições têm a noção de que o time está participando dos jogos e isso já é válido para eles

3e. Qualquer professor tem que saber trabalhar com pessoas. Baseia-se primeiramente em lidar com a criança do que tentar ensinar ela a jogar futebol. Tem sim que mostrar pra ela como é bom estar nesse ambiente, juntamente com seus amigos e partir disso trabalhar o esporte em si. Sabendo como organizar, como ensinar. Tornando assim um ambiente agradável e que a criança goste de freqüentá-lo. Deve saber lidar também com a questão social da criança mostrando todos os valores que o esporte pode trazer, além da importância da questão pedagógica para a formação da criança. Sem poder esquecer a questão técnica que também se faz importante.

3f. Sim. Acha muito importante considerar essas diferenças de níveis durante uma aula, pois a forma de montar um time para uma atividade, de apresentar uma atividade e também de cobrar esses alunos mudam. Onde procura dirigir aos alunos no âmbito geral, porém focando um pouco mais naqueles que apresentam níveis inferiores ou superiores. Assim, cobra também do restante da turma a importância de ajudar e colaborar com os colegas que necessitam de uma atenção um pouco mais especial. Assim conseguiu desenvolver um grupo com bastante autonomia nas questões técnicas, onde cada aluno compreende o outro.

Sempre busca na conversa e na cobrança aos alunos este tipo de metodologia, para que todos participem dos jogos na escolinhas e em eventos.

PROFESSOR E, EX-ATLETA PROFISSIONAL, JOGOU NO FIGUEIRENSE, AVAI, TUBARÃO, ATLÉTICO PR, PELOTAS, LEIPZIG (ALEMANHA), UNIÃO DA ILHA DA MADEIRA E VARZIM (PORTUGAL) . PAROU DE JOGAR EM 2008. APROVISIONADO DO CREF.

1. O futebol surgiu de maneira normal, onde muitas crianças gostam de jogar futebol, e os irmãos jogavam futebol amador e sempre acompanhava eles jogando. Até que em 1994 fez um teste no Figueirense F.C, onde em 1996 se profissionalizou , tendo a oportunidade de jogar em vários clubes do Brasil e de fora do país, onde encerrou a carreira como jogador profissional em 2008.

De positivo, o futebol trouxe muita coisa boa, de como trabalhar e se comportar em grupo, sendo isso uma grande responsabilidade.

De negativo foram as “sacanagens”, a falta de estrutura de alguns clubes, maneiras de alguns treinadores e até mesmo preparadores físicos em lidar com o atleta, conduta de alguns atletas fora de campo, a situação financeira de alguns clubes que passou, observando situações tristes com alguns amigos.

1b. A disciplina é o principal, mais também a conduta, a maneira de se portar, tanto dentro da aula como fora. Como ex-atleta veio apenas a acabar os estudos no final da carreira. Onde passa aos alunos que neste momento o importante para eles é o estudo, é procurar fazer um curso profissionalizante, onde isso foi uma dificuldade que encontrou quando encerrou a carreira, pois devido à falta dos estudos não tinha uma profissão definida. Onde as crianças devem dar prioridade aos estudos no começo de suas “carreiras”.

1c. A dois meses trabalha com escolinhas, hoje é prioridade máxima na sua vida. Para os alguns alunos a escolinha deve ser o início de uma carreira, para grande maioria é abrir os olhos para a sociedade, tirando eles de caminhos ilícitos como a as drogas, sendo que para a maioria o futebol tem um caráter um pouco mais social, por causa de sua disciplina.

2. Para a idade com que ele trabalha hoje, o jogar deve ser o último recurso. O fundamento no futebol é muito mais importante na idade deles. (turma com alunos entre cinco a doze anos). Começar com um bom alongamento e aquecimento, com trabalho de passes, cabeceios, chute a gol, coordenação motora, para essa idade é essencial. O futebol é sempre colocado em todas as aulas. Acha que uma coisa chama a outra, onde mescla toda a fundamentação com o jogo.

2ª. A passagem dos conhecimentos é passada sempre de uma forma mais ampliadas, onde ocorrem situações que o professor viveu enquanto atleta, trazendo para a aula e procurando corrigir para mostrando assim a todos, sempre trazendo consigo os elementos que trouxe da época que atuava como jogador profissional.

2b. Fez uma experiência (estágio) na base de um clube profissional, Avai F.C, busca na internet trabalhos que os clubes profissionais vem realizando, na literatura também e o trabalho é de acordo com o que aprendeu enquanto jogador juntamente com o que vem pesquisando nos meios de informação. Onde a experiência vivida ainda sobressai na demonstração do conteúdo.

3. Começa sempre com uma conversa, sobre a programação da aula, se algum aluno tem algum problema, e isso é comum na escolinha, onde o papel dele é conversar com a criança e pedir para ela expor o problema e até mesmo conversar com os pais diretamente. Em seguida começa o aquecimento e um trabalho mais técnico, segue com jogo e termina com brincadeira. Porém se os alunos não se comportarem no decorrer das aulas, a brincadeira é suspensa como forma de castigo, para que busquem melhorar o seu comportamento para a próxima aula. A maioria das aulas tem jogo, as vezes com mais tempo de duração e outras vezes menos tempo.

3b e d. Acha que para idade dos alunos da escolinha, e para aqueles que querem seguir a carreira a base é importantíssima. Tendo assim uma base do que pode encontrar nos times. Então é realizado um trabalho por parte do professor que busca mostrar um pouco mais a realidade dos treinos em clubes de futebol evidenciando assim o que eles podem encontrar. Já aqueles que não querem jogar profissionalmente, ele procura apresentar e falar dos campeonatos amadores, onde existe gente que vive disso, onde tem o emprego no centro da cidade e ganha uma

gratificação em forma de dinheiro no amador. Na escola hoje tu ser escolhido primeiro nos joguinhos realizados é legal para o ego da criança.

3e. A parte técnica tem q ser entendida. Um professor de futebol é como um treinador de futebol. Se a criança percebe que o professor não domina tão bem a parte técnica do esporte, ela acaba perdendo um pouco o interesse pela aula.

Quais as vantagens entre professores não formados e formados?

O ideal era um professor ser formado. Hoje ele vive na escolinha com a experiência como ex-jogador, e vê a vantagem do profissional formado em relação a aspectos fisiológicos e de preparação física por exemplo. Mais também pensa que a experiência mais na parte da fundamentação que ele trouxe consegue através de seu passado como ex-jogador o coloca um pouco em vantagem aos professores formados. Acredita que o ideal para se trabalhar numa escolinha, seria aquele professor que foi um ex-atleta e que se formou em educação física.

3c. Lida de uma maneira normal, sendo que isso faz parte da experiência, onde quando era jogador gostava muito da presença dos familiares vendo o jogo. Procura passar isso aos alunos. Porém sabe também que tem crianças que ficam inibidas com a presença dos pais, mais considera essa presença das famílias muito importante, sendo uma segurança para o professor, sendo que eles não interferem na escolinha. A competição é trabalhada de uma maneira geral, colocando a responsabilidade nos mais velhos, fazendo uma aula antes dos jogos voltados apenas a competição. Porém procura levar para os jogos apenas aqueles garotos que já estão num bom estágio de aprendizado, e deixa de fora aqueles alunos que não estão ainda em um bom estagio deixando ele consciente de que ele pode melhor cada vez mais e começar a participar dos jogos.

3f. Sim. Acha importante considerar. Pois tem que pensar muito que falar na frente das crianças, onde se deve tomar cuidado para não enaltecer muito aqueles que já estão em um bom nível, e também não rebaixar aqueles que estão começando, porém pensa que é importante enfatizar esse níveis para mostrar as crianças aonde ela pode chegar, com a ajuda dos alunos que já estão mais adiantados, logicamente sabendo como se expressar com as crianças.

O que mais vem chamando a atenção, é que muitas crianças não participaram das escolinhas é a falta de concentração das crianças, onde são coisas que a grande maioria vem passando. Ele vem cobrando de uma maneira em que eles se interessem cada vez mais pela aula. Usa algumas punições. A disciplina vem mudando muito com o passar das aulas, principalmente pela questão das atividades estarem com caráter, na visão do professor, mais motivacional.